

ANA CLÁUDIA PORTO

VIDEIRAS DE CRISTAL: ESTEREÓTIPOS E DESLOCAMENTOS

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Estudos Literários, Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marilene Weinhardt

CURITIBA
2002



PARECER

Defesa de dissertação da mestrandia ANA CLAUDIA PORTO para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo assinados Marilene Weinhardt, José Antônio Vasconcelos e Paulo Astor Soethe argüíram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a dissertação:

“VIDEIRAS DE CRISTAL: ESTEREÓTIPOS E DESLOCAMENTOS”

Procedida a argüição segundo o protocolo aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	Conceito
Marilene Weinhardt		A
José Antônio Vasconcelos		A
Paulo Astor Soethe		A

Curitiba, 09 de setembro de 2002.

Prof.^a Marilene Weinhardt
Coordenadora

AGRADECIMENTOS

Gostaria de registrar alguns nomes que, sempre que possível, contribuíram para a consecução deste trabalho. Aqui, em analogia a uma das operações da matemática, a ordem de seus nomes não altera, em absoluto, seus significados para mim.

Agradeço:

aos meus pais que, de forma tão distinta um do outro, foram a “alavanca” a essa fase que se encerra com a defesa da dissertação;

à Jana, especialmente pelo carinho, força e paciência dedicados nesse período de convívio, em que o ideal foi, para ambas, o mesmo;

à Téó, pela companhia que tornou imensamente menos solitário o meu período de escrita;

a Prof^a Dr^a Marilene Weinhardt, pela orientação segura na elaboração desse trabalho, sobretudo pela confiança;

ao professor Luiz Antonio de Assis Brasil, pela gentileza no envio de material bibliográfico;

às pertinentes colocações e sugestões feitas pela banca examinadora, composta pelos professores Dr. Paulo Astor Soethe e Dr. José Antônio Vasconcelos;

à Prof^a Dr^a Regina Przybycien, desta Universidade, e à Prof^a Dr^a Raquel Rolando Souza, da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, pela interlocução a que se dispuseram sempre, e que também, de certa forma, (des)nor-teou este estudo;

Aos queridos amigos: Gisele Thiel, pela acolhida amável nos primeiros tempos em Curitiba; Diko d’Fonseca, por me lembrar sempre do meu ideal maior; Luiz Carlos Felipe, pelo olhar pragmático e, muitas vezes, cáustico sobre a literatura e sobre a vida; Naira Nascimento, pela excelente colega, primeiramente, e, depois, pela estimada amiga que se tornou; Arlete da Costa, Janaína Vaz, Ana Paula Oliveira e Mitizi Gomes, pelas palavras estimuladoras que, no decorrer do mestrado, dedicaram-me.

A Universidade Federal do Paraná, especialmente no nome de Odair Rodrigues, secretário do Programa de Pós-graduação em Letras, que se manteve “sempre alerta”.

Ao CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa), pela concessão de bolsa de estudo, fundamental à realização desta pesquisa.

(A verdade é sempre um contacto interior inexplicável. A verdade é irreconhecível. Portanto não existe? Não, para os homens não existe.)

CLARICE LISPECTOR, A Hora da Estrela.

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
1 LITERATURA E HISTÓRIA: UM CASO DE MOVER FRONTEIRAS OU DE FRONTEIRAS MOVEDIÇAS ?.....	11
1.1 <i>O Romance Histórico Contemporâneo: o Passado, passado a limpo?</i>	17
2 <i>VIDEIRAS DE CRISTAL: A PESQUISA HISTÓRICA</i>	24
2.1 <i>Ainda a questão da verdade: na verdade uma questão de representação</i>	44
2.2 <i>Quem foram os culpados, mesmo? ou No fim tudo são versos?</i>	51
3 <i>OSMUCKER: O APAGAMENTO DA ALTERIDADE</i>	72
3.2 <i>A figuração da profetisa: há espaço para fraun Maurer?</i>	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97

RESUMO

Este trabalho perscruta a relação existente entre Ficção e História. A investigação concentra-se em tematizar as relações entre os gêneros discursivos ficcional e histórico na composição do romance *Videiras de Cristal*, do escritor gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil. Para isso, a apreciação baseia-se, ao longo desta pesquisa, na análise do processo de construção da narrativa engendrado pelo autor ao eleger como tema para sua ficção um acontecimento da história do Rio Grande do Sul que ficou conhecido como o *episódio dos mucker*. Trata-se, pois, da verificação de que o entrecruzamento da ficção com a história nesta obra é expresso pela consciência de que a escrita sobre o passado, seja feita via discurso ficcional, seja pelo registro que se afirma como histórico, manifesta-se como uma tentativa de reatar os elos com um tempo que só pode ser (re)visto enquanto discurso, textualidade. Com isso, *Videiras de Cristal* sustenta-se como uma narrativa plurivocal que, em função dessa estrutura, não privilegia uma única visão sobre o já dito pela história tradicional acerca dos *mucker*; ao contrário, abre espaço para o possível de ser dito sobre o “nebuloso” episódio do Ferrabrás.

ABSTRACT

This study investigates the relationship between Fiction and History. The investigation aims at analyzing the relationships between both the fictional and the historical discourse styles used in the novel *Videiras de Cristal*, written by Luis Antonio de Assis Brasil, born in Rio Grande do Sul, Brazil. In this research, the analysis is based on the construction process of the narrative used by the author when he chose an event which happened in the history of Rio Grande do Sul, known as the "mucker's episode". It can be noticed that the interface between fiction and history in this novel is expressed by the fact that writing about the past both through a fictional discourse and historical registrations is an attempt to connect us to a time which can only be (re)visited through discourse analysis. So, *Videiras de Cristal* is considered a narrative of many voices, once it has this structure, and does not privilege a unique view of what has already been said by traditional history about the *mucker*. On the contrary, it allows that much can be said about this bleak episode in Ferrabrás.

INTRODUÇÃO

O diálogo entre literatura e história como uma possibilidade de composição e (re)interpretação de fatos ou personagens que possuem um referente histórico tem sido objeto de reflexão de estudiosos de ambas as áreas a partir da metade do século XX. Alguns relatos anteriormente considerados históricos, hoje, são reconhecidos como literários, e vice-versa. Ao que parece, entre esses dois mundos não há mais identidade completa mas analogias determinadas pela linguagem. As fronteiras que dividem discurso literário e histórico não são mais tão precisas, ao contrário, “estão” movediças.

Porém, a questão que se coloca atualmente, e que serve de orientação para este estudo, não é a de transformar a história em um tipo de literatura, nem pretender que historiadores e ficcionistas devam exercer a mesma função ou executar o mesmo trabalho, menos ainda, de privilegiar uns em detrimento de outros. O que se propõe é tentar compreender melhor a forma como esses dois discursos articulam-se quando o espaço se propõe como uma obra de ficção, através de contribuições fornecidas tanto pela crítica literária quanto pelas teorias da historiografia

O tema central dessa dissertação trata, portanto, das relações que os discursos ficcional e histórico assumem no romance *Videiras de Cristal*, de Luiz Antonio de Assis Brasil. A escolha desse romance como objeto deste estudo justifica-se por ser esta uma obra representativa da tendência da literatura contemporânea que, ao resgatar o passado convenientemente sedimentado pelo discurso histórico tradicional, assume uma posição questionadora, pois acredita que a história narrada pode ser textualizada a partir de vários ângulos.

Nesse sentido, a partir de uma estrutura dialógica, esse romance abre-se como um espaço que possibilita a convivência e mesmo a divergência de vários olhares sobre o movimento *mucker*, relativizando, assim, o fato narrado e opondo-se à expressão de uma verdade única. A pluralidade de pontos de vista, que viabiliza o conflito de idéias, e a contestação de alguns valores ideológicos sobre o acontecimento estimulam o leitor a questionar uma realidade aparentemente inquestionável que foi forjada pelo discurso histórico tradicional, a de que os *mucker* foram os únicos responsáveis pela tragédia ocorrida no morro Ferrabrás. É pela oscilação do foco narrativo, i.e, pela presença de um narrador que costura a narrativa alternando seu discurso com o discurso de outras personagens que a relatividade do relato é evidenciada.

Para tanto, toma-se como aporte os estudos de teóricos da história e da literatura, como Michel de Certeau, Walter Mignolo, Linda Hutcheon, bem como os estudos formulados por Mikhail Bakhtin a respeito do plurilingüismo no romance; para trabalhar as relações entre literatura e história neste estudo. No romance, essas relações serão enfocadas obedecendo aos seguintes tópicos: imigração alemã, construção de sua identidade em solo brasileiro e a vida na colônia até o surgimento e extermínio do movimento *mucker*.

Além disso, uma questão relevante que será abordada nessa pesquisa é a análise da figuração da personagem Jacobina feita pela ficção de Assis Brasil. Se, por um lado, a *mucker* pode ser vista como “transgressora”, forjando essa identidade porque esteve à frente do movimento e, em parte, porque sua conduta, mesmo dentro dos limites da família, apontava para uma mulher diferente das outras *frauen*; por outro lado, suas bases estão ainda dentro dos padrões patriarcais. O que equivale a dizer, nesse caso, que sair do espaço privado do lar para o espaço público como líder do movimento não garante à descendente de alemães uma ruptura com os valores impostos pela sociedade patriarcal da segunda metade do século XIX.

Dessa forma, (con)fundir literatura e história a partir do referencial teórico citado pode ser um espaço para que esse episódio até hoje nebuloso não só na história da imigração alemã, mas também na história do Rio Grande do Sul e, portanto, na história brasileira, seja (re)pensado: não para ser negado, ocultado ou reafirmado em seu aspecto trágico, mas para que seja colocado em diálogo e mesmo como interface de algumas questões sócio-político-culturais que daí emergem.

Essa leitura de *Videiras de Cristal* procura, portanto, mais do que encontrar respostas, fazer perguntas, a fim de salientar que pelo discurso ficcional uma outra ordem, composta por várias possibilidades de apreensão e compreensão de um mesmo fato, dito de “natureza histórica”, pode ser estabelecida. Esse recorte justifica-se pela necessidade de reflexão sobre como as duas áreas engendram seus discursos, uma vez que, embora se valham de procedimentos distintos em alguns momentos, pois enquanto disciplinas têm formas diversas para conceber a realidade, em alguns momentos essas discursividades se aproximam. Durante essa aproximação, literatura e história tornam-se responsáveis pela construção de um discurso semelhante e, por vezes, pode-se dizer, complementar.

Nessa esteira é que surgem expressões como “possível historicização da ficção ou ficcionalização da história”, “literatura e história: um caso de mover fronteiras ou de fronteiras movediças?”, na verdade, como reflexo de um contexto social que vem pensando o entrecruzamento entre literatura e história como um recorte que não privilegia uma única visão dos acontecimentos, do “já dito”, mas que tem aberto espaço para o “possível de ser dito”, principal objetivo desse estudo.

1- LITERATURA E HISTÓRIA: UM CASO DE MOVER FRONTEIRAS OU DE FRONTEIRAS MOVEDIÇAS?

O historiador foi inventado por ti, homem culto letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e que entende que contar o que se passou é só fantasiar.

(Machado de Assis)

A recorrência do diálogo entre o discurso histórico e outros discursos das Humanidades, como os discursos sociológico e antropológico, tem sido constante, pelo menos, a partir de 1950.

Nas décadas de 60 e 70, quando a história ampliou seu campo de atuação ao propor por objeto de estudo tudo aquilo que dizia respeito à atividade humana e não mais somente às grandes personalidades e acontecimentos históricos – voltando-se para a idéia de que a realidade é um construto sócio-cultural –, foi possível estabelecer um modelo de análise histórica interdisciplinar que “deixou de lado” esses grandes nomes da cena histórica e passou a privilegiar discursos que se encontravam à margem até então, i.e, o discurso de grupos que durante muito tempo foram excluídos de um lugar de fala na representação feita pelo discurso histórico oficial, como o de mulheres, negros, operários, imigrantes ou homossexuais. Entende-se por olhar oficial o discurso produzido pelas instituições de poder que, de certa forma, regulam a sociedade, como o discurso político, o discurso engendrado pela Igreja, assim como o discurso manipulatório dos meios de comunicação de massa, entre outros.

No que diz respeito mais especificamente às aproximações e divergências entre os discursos histórico e literário, segundo Linda Hutcheon, “o que a escrita pós-moderna da história e da literatura nos ensinou é que a ficção e a história são discursos, que ambas constituem sistemas de significação pelos quais damos sentidos ao passado”¹. Isso nos leva a crer que esses dois universos de significação não propõem mais uma identidade acabada, mas uma identidade que está sendo traduzida², instaurada, na contemporaneidade, como um espaço em que as fronteiras “estão” movediças.

No decorrer desse diálogo, as fronteiras ora se expandem quando alguns escritores ratificam a literatura simplesmente como um espaço de entretenimento, deixando para os colegas da história as justificativas em torno da criação verbal. Da mesma forma, historiadores³ mais tradicionais vez que outra ainda tentam operar como delimitadores da imaginação histórica, seja pela negação de qualquer caráter marcador de intencionalidade ou parcialidade em seus textos, seja pelo estabelecimento de uma distinção radical entre fato e ficção (em analogia à relação verdade *versus* mentira).

Esta relação entre verdadeiro e falso é, segundo Foucault, uma “vontade de verdade”, i.e, um conceito datado que funciona como um elemento de pressão e coerção social, a fim de determinar quem detém o poder.⁴ Neste caso, o discurso histórico tradicional foi visto durante longo período como aquele que, ao se pretender portador da verdade, constituía a única fala “verdadeira” sobre o seu objeto, o passado. À literatura, restava a tarefa de distrair o leitor.

¹ HUTCHEON, Linda. Historicizando o pós-moderno: a problematização da história. In: *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p.122.

² De acordo com a etimologia latina, “conduzir para o outro lado”. In: BUSSARELO, Raulino. *Dicionário latino-português*. 1ª ed. Florianópolis: Ed. do Autor, 1988, p, 230.

³ Com relação a isso, acredito não dizer respeito somente a historiadores, mas, de forma geral, a todos aqueles que se dispõem ao debate. Portanto, ainda detêm essa visão alguns escritores, alguns professores de história e, de uma forma ainda mais geral, parte de uma comunidade que se coloca como interlocutora desses discursos, já que história e literatura consolidam-se como um bem comum.

⁴ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 6ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

Contudo, as fronteiras ora diluem-se quando a crença na objetividade proposta pelo relato histórico tradicional é esvaziada, em parte, pela constatação de que o próprio observador faz parte daquilo que observa, já que a seleção e a organização dos fatos são feitas pela sua apreensão particular. Isto compromete a possibilidade de o historiador registrar o fato e refleti-lo “como realmente aconteceu”, pois, como lembra Paul Veyne⁵, a apreensão de um fato instala-se a partir de uma discrepância entre a experiência e sua narrativa, já que apreciar um ponto de vista pressupõe ocultar outros tantos. Além disso, a posição supostamente objetiva e imparcial do historiador foi fissurada também pela assunção de que tanto o discurso ficcional quanto o discurso histórico não têm acesso ao fato propriamente dito, à sua concretude. O que equivale a dizer que a “apreensão” do objeto só é possível como “a ilusão de”, uma vez que é feita via elaboração discursiva, como “simulacro que não se confunde com o fato”.⁶

Nesse sentido, o que a nova abordagem da história propôs foi que o historiador assumisse o seu olhar na compreensão e interpretação do objeto como um homem de seu tempo, capaz de admitir que enquanto ressalta certos pontos de vista omite outros. Assim, perceber o historiador ainda hoje como um ser vinculado à busca da verdade dos acontecimentos que narra ou como o único capaz de “traduzi-la” é, no mínimo, uma leitura equivocada do que possa ser entendido por verdade ou história.

Ampliando um pouco o espaço do debate, a narrativa cinematográfica *A Vida é bela*⁷, do diretor italiano Roberto Benigni, é exemplar na elucidação da relatividade que norteia ou caracteriza a questão da representação de uma realidade. O enredo do filme, lembrado pela memória do adulto e narrado a partir de sua perspectiva de menino, mostra um campo de concentração (o

⁵ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª ed. Brasília: Unb, 1998.

⁶ WEINHARDT, Marilene. *Figurações do passado, o romance histórico contemporâneo no Sul*. Tese de doutoramento apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, em 1994, p.22.

⁷ BENIGNI, Roberto & BRASCHI, Nicoleta. *A vida é bela*. Diretor: Roberto Benigni, 1997, (116 min.).

símbolo maior do extermínio e do sofrimento do povo judeu durante a Segunda Guerra Mundial), como o palco de uma brincadeira entre pai e filho.

O telespectador/leitor, mesmo que não faça parte da comunidade judaica, aprendeu por meio de inúmeros relatos documentais (filmes, biografias, autobiografias, aulas de história), assim como por histórias contadas na família, que aquela é uma história trágica. Nesse caso, ele provavelmente tende a descrever de um relato que vá de encontro à verdade oficial que lhe foi ensinada, porque há uma espécie de contrato social tácito que regula e prevê a repressão de qualquer enunciado visto como estimulante à repetição daquele fato, mediante sua negação.

É possível, portanto, dizer que a verdade figurada em *A vida é bela*, aquilo que “de fato aconteceu” está de acordo com a percepção que o menino tinha das histórias que o pai lhe contava. Ele (menino) foi o grande vencedor premiado com o tanque de guerra de que o pai tanto falava, porque obedeceu a uma série de “convenções” do jogo. Na sua visão, aquele momento lúdico constituía a sua realidade. Se ele consegue perceber, anos depois, via memória, que seu maior prêmio foi a própria vida, isso não invalida a “brincadeira”, uma vez que a aquela realidade foi configurada por sua percepção infantil como a única possível de acordo com o seu olhar naquele momento.

Esse exemplo não é suscitado, obviamente, como apologia à banalização daquele acontecimento, mas sim como uma referência à possibilidade narrativa sobre os fatos; o que tem mais a ver com uma questão ética – a ideologização produzida na narrativa do genocídio judeu – do que estética – a escolha pelo olhar de uma criança como possibilidade de representação da situação de vida em um campo de concentração nazista.

Com isso, parece possível pensar a questão da representação de uma dada realidade somente como “pretensão” a uma verdade que pode presentificar-se tanto no discurso ficcional quanto no discurso histórico, assim como em outros

discursos; sua relativização é que confere a especificidade a cada disciplina. Especificidade que não deve ser confundida com essencialidade, mas como uma série de direcionamentos conceituais e de método que cada discurso elabora e se dispõe a seguir. Uma questão de disciplinariedade, aqui compreendida nas palavras de Foucault como um “conjunto de métodos, um corpus de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e definições, de técnicas e de instrumentos: tudo isto constitui uma espécie de sistema anônimo à disposição de quem quer ou pode servir-se dele...”⁸

Nesse sentido, é, antes de qualquer coisa, a verossimilhança (como elemento de organização interna de um discurso), e não a verdade, que se configura de forma diferente no que diz respeito aos discursos ficcional e histórico, já que a pretensão à verdade pode aparecer em ambos. Na escrita da história, essa organização se dá em função da construção de uma verdade, pois o objetivo do historiador é designar o mundo observado pela organização dos “restos do passado”.⁹ Na ficção, ela significa “um quase verdadeiro, um pouco verdadeiro ou que talvez possa um dia tornar-se verdadeiro”,¹⁰ já que o objetivo do ficcionista é construir uma “representação desestabilizante das representações”.¹¹

Dessa forma, a narrativa histórica configura-se dentro do que Luiz Costa Lima denomina *protocolo de verdade*¹², ou seja, um espaço no qual o historiador se compromete com o dito e espera que a interpretação do leitor seja feita mediante uma relação de correspondência ou referencialidade com o mundo. Já o ficcionista age dentro do *protocolo de ficcionalidade*, um espaço em

⁸ FOUCAULT, op. cit. p.30.

⁹ COSTA LIMA, Luiz. Narrativa e ficção. In: *A aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p.102.

¹⁰ SCHLEGEL, apud COSTA LIMA, op. cit. p.105.

¹¹ COSTA LIMA, p.102.

¹² De forma semelhante, Walter Mignolo trabalha com os conceitos *convenção de ficcionalidade* e *convenção de veracidade* em seu texto *Lógica das Diferenças e Política das Semelhanças da Literatura que parece História ou Antropologia, e vice-versa*. In: CHIAPPINI, Lígia e AGUIAR, Flávio Wolf (orgs.). *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: EDUSP, Centro Angel Rama, 1993, p. 123.

que ele (ficcionalista) não se compromete com o dito e nem espera uma relação extensional (referencial) com o mundo, mas que o enunciado promova um corte nessa relação, afinal: “O discurso ficcional, ao mudar a forma de relação com o mundo, também muda sua relação com a verdade. Ele a fantasmagoriza, faz o verossímil perder seu caráter subalterno e assumir o direito de constituir um eixo próprio.”¹³

Sob essa perspectiva, pode-se dizer que a escrita da história, ao assumir-se como uma construção discursiva que utiliza os mesmos tropos de linguagem que a ficção (metáfora, sinédoque, metonímia, ironia), pode ser vista atualmente como “parceira” da literatura como constituinte de um universo que é expresso via textualidade, i.e, lingüístico. Daí o reconhecimento atual da potencialidade literária de inúmeros relatos que anteriormente foram considerados estritamente históricos ou sociológicos, a exemplo de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e vice-versa. Posição que coloca as diferenças entre história e ficção mais nos pressupostos dos objetivos daqueles que produzem tais discursos ou que os analisam, i.e, na maneira como esses discursos pretendem relacionar-se com a realidade e com a comunidade de leitores, do que em categorias imanentes.

A partir dessas considerações, a questão que se coloca como relevante é, antes de tudo, reconhecer que tanto autores de romances quanto de “livros de história” são narradores, nesse caso, sujeitos de discursos que abrigam uma série de orientações ideológicas determinadas pelo seu lugar sócio-cultural de enunciação. Neste caso, demarcar limites ou simplesmente apagá-los é tarefa inócua, pois, como se viu, essas fronteiras discursivas estão sendo seguidamente deslocadas. Nas palavras de um historiador:

Toda obra tem esse componente de construção. Aliás, estou convencido de que o discurso científico-crítico é

¹³ COSTA LIMA, op.cit, p.105.

construído pelo narrador. Ele coleta o material, molda-o de acordo com seus instrumentos ideológicos e organiza os fatos que consegue descobrir de uma forma ou de outra. Trata-se, então, de uma ficção. Historiografia é ficção¹⁴.

1.1- O Romance Histórico Contemporâneo: O Passado, passado a limpo?

Revisito o óbvio. Redigo, como forma de pesquisar no já dito, uma chave interpretativa para me aproximar de possíveis entreditos.

(Gilberto F. Martins)

De antemão, creio ser importante salientar que o título que dá início a este sub-item deve ser tomado mais pela sua potencialidade semântica do que pela sua referencialidade.

Assim, a expressão “passado a limpo” pode remeter-nos à imagem de alguém que transfere as mesmas coisas copiadas no “caderno de rascunho” - aquele que concentra as “garatujas” -, para o “caderno a limpo” - o lugar da caligrafia bem-feita, espaço destinado ao que “realmente importa”; antes de tudo, algo selecionado, revisado que ganha um aspecto legível. Parece fácil, mera transposição. Contudo, na busca pelo que realmente importa, é necessário que uma série de malabarismos lingüísticos sejam feitos para que tão logo se descubra, se constate que a verdade do caderno de rascunho sempre escapa.

¹⁴ ARAUJO, Luiz Antônio & CARLE, Ricardo. À sombra da ditadura científica. Zero Hora, Porto Alegre, 13 mar. 1999. *Segundo Caderno*, p.4.

Não, definitivamente, este título não deve ser levado em conta a não ser pela sua sonoridade, já que parece mais coerente admitir a fragilidade e a incompletude de um ato que se proponha a passar a limpo seja lá o que for para reconhecer a pluralidade de rabiscos que compõem o caderno de rascunho. Afinal, o “passado a limpo” só dá conta de uma pequena parte selecionada por aquele que, em última análise, é o dono do caderno.

É nesse sentido que a constatação de que o passado, ou pelo menos a idéia que fazemos dele, não pode ser construído apenas por um discurso, por uma só voz ou de uma só vez tem proporcionado que algumas das narrativas literárias contemporâneas que se debruçam sobre o tempo passado não se restrinjam à mera configuração de um contexto específico em que desfilam personagens e eventos “marcantes” devidamente documentados. A noção de que o fato só é inteligível por sua caracterização simbólica, via linguagem, vem contribuindo para que as narrativas que têm como ponto de partida um acontecimento com referente histórico acrescentem outros elementos em sua composição. Geralmente são figurações literárias calcadas em uma estrutura de tempo-espço que indica o vínculo com o tempo passado, mas que não se restringem à representação desse tempo figurado.

Essa é uma característica da *metaficção historiográfica*, que, conforme foi elaborada por Linda Hutcheon na *Poética do Pós-Modernismo*, ao mesmo tempo em que questiona sua condição de escrita ficcional, problematiza a questão da verdade como domínio exclusivo da história, reivindicando a pluralidade de vozes no processo de construção do saber. Neste caso, o discurso ficcional atua como um condutor à percepção de outros pontos de vista sóciopolíticos e culturais que foram deixados como lacunas pela história tradicional, permitindo que o leitor reflita, de certa forma, também sobre o seu presente. Nas palavras de Hutcheon:

A metaficção historiográfica refuta os métodos naturais, ou do senso comum, para distinguir entre o fato histórico e a ficção. Ela recusa a visão de que apenas a história tem uma pretensão à verdade, por meio da afirmação de que tanto a história como a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas de significação, e é a partir dessa identidade que as duas obtêm sua principal *pretensão* [grifo meu] à verdade¹⁵.

Pelo menos no que diz respeito à literatura ocidental, essa parece ser uma tendência que se impõe frente ao abalo na fé historicista que tem predominado na contemporaneidade. O romance histórico tradicional tal como foi idealizado por Lukács tomando como modelo a narrativa do romântico Walter Scott teve, no século XX, suas bases desestabilizadas. Se na Europa Vitoriana o romance de temática histórica nasce atendendo um forte sentimento nacionalista embalado pela revolução burguesa e pela representação de princípios universais para o homem ocidental, esse otimismo perde sua força na contemporaneidade devido à constatação da impossibilidade de figuração realista de determinada temporalidade passada. Esse fato contém, na verdade, uma base contraditória, já que estariam em jogo questões que apontam para um problema ético-filosófico e para outro, de natureza epistemológica.

No que diz respeito à América Latina, essa tendência perpassa uma série de outros discursos sociais e está seguramente vinculada ao processo de pós-colonialismo dos países que a compõem, como uma forma de entender ou mesmo de construir uma noção “do que somos” ou “do que nos tornamos” no presente em relação ao passado, à colonização propriamente dita. Conforme argumenta Stuart Hall,

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a “nação, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são

¹⁵ HUTCHEON, op.cit, p.127.

construídas. [...] a identidade nacional é uma “comunidade imaginada”.¹⁶

Tomando por base essa definição, pode-se dizer que quando a literatura de fundação latino-americana, que procurou construir uma identidade para suas nações, percebe que a noção de história como relação causal entre passado, presente e futuro é vinda da Europa, ou seja, que funciona bem dentro daquele contexto, mas que muito pouco nos diz respeito, cria-se um empecilho para continuar a narrar uma nação calcada em valores postíços, uma vez que seu passado é recente. Como aponta Walter Mignolo em seu texto *Lógica das Diferenças e Política das Semelhanças da Literatura que parece História ou Antropologia, e vice-versa*:

No caso do romance contemporâneo, a imitação do discurso historiográfico e antropológico provém de uma oposição aos discursos antropológicos e historiográficos que criaram uma imagem da história ou de comunidades marginalizadas que o romancista procura corrigir ou, pelo menos, enfrentar.¹⁷

Segundo Vera F. de Figueiredo¹⁸, a elaboração de um romance histórico que pensou criticamente a nossa relação com a história importada do ocidente europeu para construir uma visão da história mais condizente, só aconteceu em 1949, com o romance *El reino de este mundo*, de Alejo Carpentier. Na sua esteira, a escrita de Gabriel Garcia Márquez, Carlos Fuentes, e de outros escritores tornou-se exemplos do chamado *romance de resistência*. Esses escritores estavam, na verdade, movidos pela

¹⁶ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p.51.

¹⁷ MIGNOLO, Walter, op.cit. p. 133.

¹⁸ FIGUEIREDO, Vera Follain de, *Da alegria e da angústia de diluir fronteiras: o romance histórico, hoje, na América Latina*, editado no site <http://members.tripod.com/~Ifilipe/Vera.html>.

Vontade de reinterpretar o passado com os olhos livres das amarras conceituais criadas pela modernidade europeia no século XIX, pela consciência do poder da representação, da criação de imagens e, conseqüentemente, do poder de narrar e de sua importância na constituição das identidades das nações modernas. Daí a necessidade de releitura da história como parte do esforço de descolonização, que se realiza contra toda uma mentalidade perpetuada pelas elites locais, pelos discursos da história oficial.¹⁹

Neste caso, o *romance de resistência* latino-americano guarda características comuns que o aproximam da *metaficção historiográfica*, pois se pretende como uma narrativa ficcional questionadora das visões totalizantes construídas pela história oficial.

Na mesma linha, há que se considerar o estudo de Seymour Menton, sob o título *La nueva novela histórica de la América Latina, 1979-1992*, em que é listada uma série de romances tradicionais e outros considerados pelo autor como exemplos do *novo romance histórico*.²⁰ Para Menton, esse novo tipo de ficção histórica deve atender a algumas prerrogativas que a diferenciem do romance histórico tradicional, cujo paradigma é, segundo foi apontado por Georg Lukács, Walter Scott. Entretanto, Menton faz a ressalva de que nem sempre todas estas marcas se encontram reunidas em uma mesma obra. Para ele, o novo romance histórico é composto pelos seguintes traços:

A subordinação, em distintos graus, da representação mimética de certo período histórico à apresentação de algumas idéias filosóficas (...), a impossibilidade de conhecer a verdade histórica ou a realidade; o caráter cíclico da história e, paradoxalmente, o caráter imprevisível desta;

¹⁹ FIGUEIREDO, Vera Follain de, op.cit, p.4.

²⁰ MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina, 1979-1992*. México: Fondo de cultura económica, 1993. Nesse estudo, só são considerados romances que tratam de ações que ocorreram em uma época anterior a do romancista.

a distorção consciente da história mediante omissões, exageros e anacronismo;

a ficcionalização de personagens históricos mais destacada;

a metaficção ou os comentários do narrador sobre o processo de criação;

a intertextualidade e os conceitos bakhtinianos de dialógico, carnavalesco, paródia e heteroglossia.²¹

Como se vê, as denominações *romance de resistência*, *novo romance histórico* ou *metaficção historiográfica* dizem respeito, em termos gerais, a direcionamentos semelhantes que o romance histórico contemporâneo tomou. A necessidade de reescrever a nação, conferindo sentido ao que foi negado pelo discurso oficial da história, fez com que essas narrativas primassem pela compreensão do processo de construção identitária inventada anteriormente.

Uma das causas para o surgimento desse novo tipo de ficção histórica nas últimas três décadas do século XX seria, como aponta Menton, a aproximação da data de descoberta da América. No caso do Brasil, a comemoração dos “quinhentos anos” permitiu que uma grande parcela de seus escritores também se voltassem para o passado na tentativa de visitar não só suas origens, mas também seu passado mais recente. Utilizando fatos que têm referentes históricos como base para compor sua ficção *Terra Papagalli*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, entre uma série de outros romances, busca outros ângulos de análise sobre certas realidades que foram descritas pela história oficial e reificadas pela literatura de fundação, perscrutando (como no romance de Torero e Pimenta citado), aquilo que foi mantido às sombras pelo discurso colonialista.

Compreendida como uma narrativa extremamente escapista, já que privilegia o tempo passado em detrimento de uma realidade a cada dia mais

²¹ MENTON, Seymour. op. cit.p. 42-43.

“desesperada”, para utilizar o termo de Menton quando faz referência ao desenvolvimento do subgênero, o novo modelo de ficção histórica traz consigo, em verdade, a crença no poder da palavra como instrumento construtor de uma realidade, uma vez que há a consciência de que “a identidade nacional é uma comunidade imaginada”.²² Para tanto, o discurso literário assume um caráter pedagógico (o que não é novidade na literatura brasileira, tendo em vista os projetos romântico e modernista, que tentaram “imprimir” uma identidade brasileira e, mais tarde, reescrevê-la no processo de modernização, respectivamente), ao tentar iluminar o que foi deliberadamente negado pela história oficial, recusando, obviamente, o paradigma das narrativas literárias que ajudaram a moldar a identidade da nação erguidas mediante bases que muito pouco tinham a dizer sobre o país.

Neste caso, a pergunta inicial que serve como título a este sub-item (*Romance histórico contemporâneo: o passado, passado a limpo?*) serve para pensar o entrecruzamento do discurso ficcional com o discurso histórico a partir da rejeição das narrativas totalizantes, ou seja, primeiramente pela suspeita e depois pela consciência de que o relato do caderno a limpo é tão somente a visão de seu dono: *uma* visão dentre várias possibilidades.

²² HALL, Stuart.op.cit.p.51

2- VIDEIRAS DE CRISTAL : A PESQUISA HISTÓRICA

Cida Golin – Me parece que tu gostas muito disso de esmiuçar o passado, de fazer pesquisa de época.

Assis Brasil – Sim, gosto muito. Curiosamente apenas agora me apercebi de que o leitor gosta de ser informado, quer conhecer termos, paisagens, cenas, coisas que ele não viu. E, depois, ocorre um fenômeno interessante. Hoje, 1988, final do século XX, há pessoas na América Latina, no Brasil, no Rio Grande do Sul, que vivem ainda no neolítico. Então eu me sinto à vontade em trabalhar o passado, porque justamente, entre nós convivem todos os séculos. Se eu fosse um escritor europeu, talvez escrevesse romances estritamente contemporâneos.²³

A afirmação de que no Rio Grande do Sul a tradição literária esteve, desde sua constituição à época de um romantismo tardio, ligada à história do estado na construção de uma identidade gaúcha – gauchidade – não é, hoje, nenhuma novidade. No século XIX a sociedade *O Partenon Literário*, assim como as revistas *O Guaíba* e *Arcádia* contribuíram para que o projeto de formação de uma imagem para o homem gaúcho fosse consolidada. De elemento sem valor, largado pelos campos, o gaúcho foi caracterizado pela literatura como o exemplo máximo da valentia e da honestidade. Um exemplo, por certo, amplificado pela belicosidade das guerras pela posse do território meridional.

²³ Depoimento a Ivo Bender e Cida Golin, que data de 1988, publicado na série *Autores Gaúchos: Luiz Antônio de Assis Brasil*, 2.ed. Porto Alegre: IEL:ULBRA:AGE, 1995, p.4.

Obras como *O Corsário* (1851), de Caldre e Fião, *O Vaqueano* (1872), de Apolinário Porto Alegre, *Os Farrapos* (1875), de Oliveira Belo, e mesmo o olhar exógeno de *O Gaúcho* (1870), de José de Alencar, podem ser consideradas como paradigmas da representação exaltatória da figura do homem sulino. Uma imagem que no decorrer do século seguinte ganhou outros contornos.

Por volta de 1930, o elemento autóctone, então forte e corajoso, cedeu lugar ao gaúcho a pé, como foi figurado em *Sem Rumo* (1937), por Cyro Martins, ou ao gaúcho pobre que vive na cidade, pela escrita de um Dyonélio Machado. Na verdade, essas imagens mais condizentes com o gaúcho foram ecos de uma nova ordem de pensamento que procurava retratar de forma menos idealizada a vida diante do progresso e de suas implicações políticas, econômicas, sociais e religiosas sobre a nação. Mais tarde, Érico Veríssimo com *O tempo e o Vento* (1949-1962) uniu o caráter historiográfico à ficção elegendo como tema um período que abrangeu desde a fundação do estado até 1945, com o Estado Novo e a deposição de Getúlio, e articulando as guerras que se deram no pampa às personagens do clã Terra-Cambará. O questionamento da história aparece na concepção cíclica do tempo, evidenciada na urdidura textual quando a primeira página de *O Continente* é igual à última de *O Arquipélago*, atentando à necessidade da quebra desse ciclo para que o povo passasse de objeto a sujeito de sua história.

A partir daí, a literatura produzida no Rio Grande passou a integrar na composição de suas narrativas aqueles elementos que também ajudaram no processo de formação do território gaúcho, mas que não foram privilegiados pelo discurso literário, ou que constaram no discurso histórico tradicional como o elemento “estrangeiro”.

A ficção que destaca o imigrante como legítimo representante do solo que habita vem sendo marcada por nomes como Josué Guimarães, Lya Luft, José Clemente Pozenato, Moacyr Scliar e Luiz Antonio de Assis Brasil. Na narrativa

produzida por esses escritores, o tempo da colonização alemã, açoriana, italiana, ou mesmo a vida atual dos descendentes de imigrantes, por exemplo, são destacados como um período de difícil adaptação; afinal, o que significa ser o outro no espaço de uma cultura autofágica que insiste, vez por outra, em reeditar o mito do *monarca das coxilhas*?

É nessa esteira que a ficção histórica²⁴ *Videiras de Cristal*²⁵, de Luiz Antonio de Assis Brasil, publicada em 1990, mais uma vez ata as amarras com a história, da ainda Província de São Pedro do Sul, ao eleger como tema um acontecimento que tem um referente histórico desta vez no período da imigração alemã: o “nebuloso” episódio dos mucker. No final da década de 80 o autor já antecipava sua proposta em entrevista a Ivo Bender e Cida Golin:

Talvez eu escreva o romance dos Mucker. Josué Guimarães tinha intenção de escrevê-lo como terceiro volume de *A Ferro e Fogo*. E durante toda a sua vida, respeitei muito isso. É natural. Não há donos de idéias, digamos assim, mas ele já tinha manifestado este interesse e eu deixei fora das minhas cogitações. Agora, me sinto à vontade para trabalhar o tema. Já li coisas, pessoas mandam cartas, cópias de documentos. Assim, vou juntando, vou arquivando²⁶.

O diálogo com a história da literatura, marcado pela interlocução com *A Ferro e Fogo*, foi estabelecido pouco tempo depois, portanto, quando da publicação do *romance dos muckers*, sendo ratificado pela dedicatória a Josué Guimarães.

²⁴ Prefiro neste estudo utilizar o termo “ficção histórica” ou, simplesmente, romance para não incorrer na obrigação de classificar a obra em questão em uma das terminologias: *romance histórico* tradicional, à moda de Lukács, *novo romance histórico* ou *metaficção historiográfica*, pois acredito que seja possível perceber em *Videiras de Cristal* características comuns a essas outras nomenclaturas.

²⁵ ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Videiras de Cristal*. 4.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. Todas as citações da obra serão feitas a partir desta edição.

²⁶ Série *Autores Gaúchos: Luiz Antônio de Assis Brasil*, 2.ed. Porto Alegre: IEL:ULBRA:AGE, 1995, p.7.

Na medida em que se delineia um paralelo com a história, pode-se dizer que *Videiras de Cristal* trata, em um sentido mais amplo, do conflito entre um grupo de imigrantes alemães e forças militares brasileiras ocorrido por volta de 1873 no Morro Ferrabrás, hoje área pertencente ao município de Sapiranga. Os *mucker*²⁷, santarrões, como foram denominados por um padre da região na época, eram, em sua maioria, os colonos que viviam nas picadas, as zonas mais pobres e de difícil acesso da colônia. Esses lotes de terra foram primeiramente “doados” aos imigrantes alemães pelo Império Brasileiro para seu estabelecimento, por volta de 1824, mas, segundo Sandra Jatahy Pesavento²⁸, posteriormente tiveram de ser comprados pelos colonos²⁹. No romance esse problema da distribuição de terras aos imigrantes está presente como marca do elemento histórico. Assim, “[...] os colonos litigam entre si, com as companhias colonizadoras, com o governo, um inferno. Herança da má distribuição das terras que aqui receberam, de limites confusos”.³⁰

Imigrantes ou nascidos no Brasil, os colonos alemães foram completamente desamparados pelo Império e pela Igreja nos primeiros tempos da colonização, não recebendo assistência religiosa, participação política ou administrativa. Em *Conflito social no Brasil*, Janaína Amado³¹ atenta para o fato de que:

²⁷ Segundo Telmo Lauro Müller, diretor do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, o termo *mucker* é sempre invariável na língua alemã, sendo alterado somente o artigo para marcar o número quanto ao plural. Müller afirma, ainda, que a palavra tem uso corrente na Alemanha e designa inclusive uma cidade. A tradução mais adequada, segundo ele, seria “turrão”, “cabeça-dura”, “criador de caso” ou “resmungador”. Este trecho foi extraído do jornal *ZERO HORA*, de 15/06/2002, como anexo à reportagem intitulada *O eterno retorno do Cristo-mulher*.

²⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A história do Rio Grande do Sul*. 8ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997, p.47.

²⁹ A esse respeito, é curiosa uma publicação do governo do Estado de São Paulo, junto ao Memorial do Imigrante e ao Museu da Imigração, que data de 1999, em que há a seguinte passagem: “No Sul do país, para onde se dirigiu o maior número, a finalidade foi o povoamento, a colonização de vazios – geralmente vales de rios – e a produção de alimentos básicos, criando uma população de pequenos agricultores: lotes de terras com superfície variando entre 20 e 50 hectares, cuja aquisição foi bastante facilitada [grifo meu]” In: *Imigração Alemã no Brasil*, Séries Resumos, n.3. São Paulo. p.15

³⁰ ASSIS BRASIL, p.51.

³¹ AMADO, Janaína. *Conflito social no Brasil. A revolta dos “Mucker”*. São Paulo: Símbolo, 1978.

A ineficiência dos poderes provincial e central – os quais prestaram auxílios reduzidos à colônia até 1830, ficando praticamente ausentes desta data até 1845 – obrigou os imigrantes a desenvolverem outras formas de cooperação, além da familiar. Não se formaram, nos primeiros vinte anos de existência de São Leopoldo, uma administração nem uma superestrutura jurídico-política capazes de atender às necessidades mais elementares da população. Faltavam estradas, saneamento, pontes, meios de comunicação, assistência médica e técnica, igrejas, escolas...³²

À proporção que a cidade de São Leopoldo começou a progredir com o comércio de suprimentos para as tropas do Império que estavam em guerra (Guerras Farroupilha e do Paraguai), os laços de família e as relações de compadrio na colônia foram, de certa forma, rompidos. Para um próspero comerciante da cidade, manter contato com os colonos mais pobres não era interessante, já que essa situação era vista como um sinal de desprestígio social. Isso ocasionou, segundo Amado, um afastamento das religiões oficiais (luterana e católica) por parte dos colonos mais pobres, facilitando seu isolamento progressivo nas picadas até o momento em que eles formaram uma pequena sociedade à parte daqueles que moravam em São Leopoldo e redondezas.

Mais tarde, reunidos em torno de Jacobina Maurer, a esposa do *Wunderdokter*, como era conhecido João Jorge Maurer pela sua habilidade com as plantas medicinais, esse grupo constituiu um movimento de conotação religiosa, que passou a ser visto pelos seus integrantes como a única fonte de esperança para a resolução do problema da desigualdade econômica e social instaurado na colônia. Os “escolhidos por Deus”, como eram denominados por Jacobina, acreditavam que teriam o que a eles foi negado pela negligência do governo brasileiro, da Igreja e de uma parte da comunidade alemã que ascendia

³² AMADO, Janaína. Op.cit. p.15.

naquele momento, dando-lhes as costas, como pode ser percebido no romance pela passagem que segue:

Os mais velhos insistiam em ser úteis; aquela obra lembrava os primeiros anos da colônia, quando todos partilhavam a miséria e deviam ajudar-se uns aos outros para vencer a mata, abrir picadas e erguer suas pequenas casas. – “Aqui é bem como no tempo antigo. Aqui não há ricos, todos são iguais. Louvo a Deus e a Jacobina por não morrer sem enxergar tudo isto acontecendo” – diziam.³³

Entretanto, depois de uma série de acontecimentos trágicos que envolveram boicotes comerciais, assassinatos de famílias inteiras, incêndios e estupros, tanto por parte dos *mucker* quanto das forças contrárias, o Império Brasileiro decidiu intervir militarmente e pôr fim ao movimento em uma ação que dizimou praticamente todos os seus participantes.

As causas da formação do grupo e a conseqüente intervenção pelo governo da época têm sido analisadas ao longo de mais de um século do fim da tragédia. Alguns estudiosos (historiadores, sociólogos, antropólogos) apontaram questões simplesmente políticas ou religiosas, econômicas ou sociais; no entanto, atualmente percebe-se que todos esses fatores contribuíram de forma conjunta para o surgimento dos *mucker*. Da mesma maneira, a ação militar é vista como o sinal máximo de repressão àquele novo tipo de organização social que se formava e que ia de encontro a fortes interesses estabelecidos. De qualquer forma, o que restou desse ato de rebeldia de alguns colonos alemães foram lacunas que o discurso histórico oficial não preencheu, gerando, com isso, a interpretação do fato como algo que deveria ser esquecido, já que foi instaurado como uma espécie de “mancha” na história da colonização alemã: leia-se, história do Rio Grande do Sul e, por conseguinte, história do Brasil.

Em *Os mucker: a tragédia histórica do Ferrabrás*, texto escrito pelo padre Ambrósio Schupp e publicado em alemão em 1900 – citado por Assis

³³ ASSIS BRASIL, p. 150.

Brasil na composição do romance como uma das fontes consultadas –, é nítido o legado “vergonhoso” que os *mucker* deixaram para seus descendentes. Mesmo não dispondo de um levantamento mais rigoroso que faça referência à recepção dessa obra, a não ser sua indicação como texto basilar em grande parte dos estudos sobre o episódio, é possível dizer que o texto de Schupp serviu como uma voz autorizada, uma vez que foi escrito por um padre da colônia, em língua alemã, fazendo um balanço da tragédia cerca de duas décadas depois do acontecido.

A partir do levantamento sobre o tempo histórico, sobre a geografia da região, sobre os antecedentes do episódio e sobre o que ele concebe como características dos *mucker* até o extermínio do movimento, o padre arma um grande painel de época. Para isso, é utilizada uma linguagem “carregada”, i.e., permeada de hipérboles e metáforas que marcam uma posição extremamente tendenciosa e parcial com relação aos colonos, como é possível perceber nesta passagem do capítulo XVIII, intitulado *Mais Sangue*:

O furor dos Mucker não mais tinha qualquer consideração, seja quanto ao sangue, seja quanto à amizade. O maior dos crimes era para eles que alguém pudesse negar-se a entrar na seita ou – o que ainda era pior – retirar-se dela. Quem o tivesse feito, era candidato à morte, mesmo que se tratasse de um irmão carnal. Era o que teria de experimentar uma família de Campo Bom.³⁴

Por isso, quando Assis Brasil aceita, de certa forma, a tarefa de (re)construir uma parte do passado da imigração alemã no sul do Brasil, via prosa romanesca, reiterando ao leitor que se trata de uma obra de ficção (o subtítulo soa como esclarecimento – *o romance dos muckers*), o autor não deixa mesmo assim de assumir um compromisso também quanto à história da imigração alemã no Rio Grande do Sul. Todavia, diferentemente da história dos miseráveis colonos

³⁴ SCHUPP, Ambrósio. *Os Mucker: a tragédia histórica do Ferrabrás*. 4ªed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993, p. 220.

alemães, o romance propõe-se a falar de almas “fecundas nos verões luminosos mas frágeis e quebradiças quando cobertas pela geada do inverno”³⁵, verdadeiras videiras de cristal que nem de longe lembram os sanguinários descritos pelo padre alemão.

No romance as relações entre ficção e história são suscitadas explicitamente a partir da composição do paratexto. A epígrafe retirada do *Journal dos Goncourt*, que data de 1862, ao definir que “*L’histoire est un roman qui a été; le roman est de l’histoire qui aurait pu être*”,³⁶ coloca o leitor diante da idéia de que a história é algo que de fato aconteceu, i.e, que existiu em determinado tempo, o que a assenta no plano do real visto como aquilo que teve uma existência concreta; ao passo que o romance é da alçada do que “poderia ter sido”, daquilo que é “quase verdadeiro, um pouco verdadeiro ou que talvez possa um dia tornar-se verdadeiro”, como lembra Costa Lima, fazendo parte, portanto, do reino das possibilidades. A citação utilizada como epígrafe na verdade suscita mais um jogo de palavras – e mesmo um paradoxo – do que um ponto de vista claro sobre os discursos que engendra.

No mesmo plano, o posfácio, que faz menção às fontes utilizadas, corrobora com essa posição escorregadia quanto à caracterização do objeto. O diálogo entre ficção e história continua mais ou menos no nível anterior, só que agora obliterado pela combinação “história romanceada”:

Sempre persegui a idéia de escrever um romance sobre os muckers, um romance que com maior ou menor fidelidade aos fatos, narrasse a trajetória pessoal de algumas personagens – reais ou fictícias – que tiveram parte de suas vidas ligadas ao episódio do Ferrabrás. Nunca me passou pela cabeça escrever um romance histórico, muito menos uma “história romanceada”. Assim, os puristas de plantão devem esquecer o propósito de conferir datas,

³⁵ ASSIS BRASIL, p.138.

³⁶ Tradução livre: “A história é um romance que foi; o romance é (aquilo da) a história que poderia ter sido”, p.8.

nomes e eventos; talvez os encontrem subvertidos ou mascarados pela fantasia – não tão feérica – do autor.³⁷

De certa forma, a justificativa do autor para tal empreendimento, apoiada no uso da epígrafe e de expressões como história romanceada ou romance histórico, romance que foi ou romance que poderia ter sido, sinaliza, primeiramente, para o não comprometimento com o dito, i.e, para que o leitor aceite o *protocolo de ficcionalidade*, suspendendo, para isso, os laços com a realidade empírica, já que se trata de ficção. Se em dado momento deve-se justificar a obra perante uma comunidade leitora, e em especial à comunidade alemã, o melhor é fazê-lo via desmascaramento da obra pelo potencial dessa enquanto versão de um fato histórico, afastando-se, pelo menos como proposta, dos procedimentos de uma literatura que se pretendesse “retrato” daquela realidade.

No momento em que a precaução quanto ao dito parece ser a forma mais adequada para travar contato com os restos de um passado tão sombrio quanto o dos *mucker*, é como se a ficção, assumida como tal, deixasse para a história qualquer trabalho “sério”, que pudesse ser conferido por datas, nomes e eventos. A marca da assunção, por parte do autor, de um posicionamento que pode, inclusive, ser visto como tradicional com relação ao que seja história, projeta o quanto a discussão em torno dos limites desta disciplina e da ficção ainda é instável.

Note-se que a questão que está sendo colocada é a de tentar entender a articulação do referente histórico que começa a ser proposta no romance, tendo em vista que os elementos que compõem o paratexto são, necessariamente, parte do conjunto da obra e que aqui, no mínimo, revelam o esfumaçamento dos limites discursivos; o que não é de difícil entendimento, pois, como se viu, essas fronteiras são extremamente movediças. Além disso, os elementos paratextuais

³⁷ ASSIS BRASIL, p.541.

devem ser compreendidos como relevantes na medida em que podem determinar a escolha da obra pelo leitor, bem como suas expectativas e práticas concretas de leitura.

Mediante essa leitura, o que fica evidente é o empenho em organizar os restos do passado como parte fundamental no processo de enfrentamento com o referente histórico, coisa pela qual Assis Brasil é reconhecido por promover em seus textos – interessa-lhe o histórico.

Assim são configurados, por exemplo, seus romances *Um quarto de légua em quadro* (1976), em que há o trabalho com a história da imigração açoriana; *A prole de corvo* (1978), em que a personagem de Filhinho, integrante das tropas de Bento Gonçalves, em meio à Revolução Farroupilha, retrata a angústia e a inutilidade da luta por uma causa desconhecida para ele; *Cães da Província* (1987), romance que privilegia a figuração da personagem com referente histórico, Qorpo Santo, teatrólogo que viveu na Porto Alegre de século XIX; também a série *Um castelo no pampa*, que manifesta o labor literário em torno do processo de formação da aristocracia gaúcha em *Perversas famílias* (1992), passando pela proclamação da República e pela Revolução de 1923 em *Pedra da memória* (1993), até a ascensão do getulismo e a revolução militar de 64, presentes no romance que encerra a trilogia, *Os Senhores do Século* (1994); ou, ainda, o mais recente trabalho do escritor, *O pintor de retratos* (2001).

Em *Videiras de Cristal*, pode-se afirmar que o agenciamento do diálogo entre os discursos histórico e ficcional se manifesta, pode-se dizer, por um processo de colagem.

Nesse sentido, a imagem pictórica que apresenta o mapa do Império do Brasil em relação à Província de São Pedro do Sul, ao ser selecionada para o arranjo da obra, localiza o leitor no espaço do enredo e, de certa maneira, lembra a composição de um “livro de história”, normalmente amparado pelas marcas visuais (mapas, fotos, etc).

Hamburgerberg;

FIGURA 3 - Hamburgerberg (Hamburgo Velho) por volta de 1855.



o acampamento do Coronel Genuíno;

FIGURA 4 – Acampamento do Coronel Genuíno Sampaio em Campo Bom. Litografia da época.



assim como o local do ataque aos *mucker*, este com data bem marcada: 19 de julho de 1874.

FIGURA 5 – Ataque contra os *mucker* em 19 de julho de 1874. Litografia da época.



Se pensadas como enxertos selecionados para ilustrar o grande texto, o mapa e as litografias possuem uma seqüência cronológica e mesmo narrativa. É importante salientar que essa disposição narrativa das marcas visuais pode ser aferida pela sua disposição no romance.

O mapa aparece na página 9, logo após a epígrafe, como um quadro geral de onde se passará a ação. Quanto às litografias, a primeira, que mostra a cidade de São Leopoldo, está na página 36, logo que a personagem Jacó-Mula a descreve como “uma cidade bonita e grande”³⁸, rememorando sua chegada ao Brasil no momento em que avistou Porto Alegre e suas imediações. No caso da litografia de Hamburgo Velho, sua presença se dá na página 70, em meio a uma cena na casa de Jacobina. O acampamento do Coronel Genuíno está expresso na página 430, também em meio à descrição do lugar ocupado pelo Coronel e suas tropas. Já o ataque aos *mucker* aparece na página 483, quando as tropas do Capitão Dantas tomam o lugar.

Além disso, as ilustrações da época também “narram” os fatos amparadas pela sua quase que inquestionável “fidelidade” enquanto documentos de um período, algo que é reificado pela descrição da cena figurada – “da época”, i.e, são ilustrações que servem como fontes a serem consultadas; ainda que se possa cogitar sobre a perspectiva do litógrafo quanto à cena descrita.

A explicação sobre o corpo de João Jorge Maurer como nota ao final do texto – “Tempos depois, encontraram o corpo do Wunderdokter pendente de uma árvore, nas selvas do Ferrabrás. Nunca foi possível determinar a época de sua morte. (N.do A.)”³⁹ –, alimenta o diálogo do texto ficcional com a história, fazendo com que as palavras do autor ratifiquem a pesquisa do dado histórico como a “veracidade” sobre os fatos. Ao optar pela elucidação do que teria acontecido a João Jorge após o massacre, mediante um dado que extrapola a narrativa ficcional, como um apêndice, é como se a narrativa continuasse nesse

³⁸ ASSIS BRASIL, p.35

³⁹ Idem, p. 537.

momento sob a chancela declarada da voz autoral. Nesse momento o autor se desmascara, expondo sua presença em um ponto intermediário entre o corpo do texto, por isso espaço ficcional, e o posfácio, espaço referencial.

Em igual direcionamento, a inserção de um fragmento do diário do Pastor Heinrich W. Hunsche inscreve-se como eco da narrativa histórica acerca do fato:

“25 de julho de 1880.

Há pouco os muckers que estavam presos em Porto Alegre há já alguns anos foram libertados. A maioria voltou para cá e para os seus. Infelizmente, continuam presos àquela idéia fixa e, como já anteriormente, continuam afastados dos colégios e igrejas. Seu cemitério é um potreiro. Que os recém-voltados da prisão estão de acordo com isto nos é provado com a morte de um companheiro, o qual foi enterrado lá sem a participação dos amigos e parentes não-adeptos à causa dos muckers. Afóra as primeiras crueldades praticadas, não se pode observar nada de mais em seu comportamento diário. Que será deles?⁴⁰

Na mesma medida, a constituição do tempo-espaço da narrativa mostra uma grande preocupação do autor com a pesquisa, fato que pode ser percebido tanto pela referência direta à inauguração da primeira estrada de ferro do Rio Grande, por exemplo, quanto pela sutileza com que o narrador se refere aos hábitos alemães, como pode observar-se na passagem que segue:

Era Advento: já se cortavam inúmeros pinheiros adolescentes para metê-los em casa, ornados com biscoitos coloridos e chumaços de algodão sobre os ramos, simulando a neve que não cai no Brasil.⁴¹

As referências aos costumes cultivados na colônia, como pintar ovos na Páscoa, preparar bolachas no Natal, contar histórias da fada Beloni e do

⁴⁰ ASSIS BRASIL, p.539.

⁴¹ Idem, p.18.

flautista de Hamelin⁴² e ainda o fato de que as mulheres “recatadas” da colônia usam os cabelos presos e vestem-se com cores escuras⁴³, informam o leitor sobre como “era” a vida naquela época figurada, assim como a alusão aos jornais que circulavam em Porto Alegre e na colônia (*Der Bote*, *Deutsches Volksblatt*, *A Reforma* e *Deutsche Zeitung*), colocam o leitor a par da situação política da Província na segunda metade do século XIX. Uma conjuntura que dispunha em conflito membros dos partidos conservador e liberal, representantes das religiões católica e luterana, até o surgimento e massacre dos *mucker*, declarando também que o governo da Província era ainda dirigido pelo partido conservador:

Se os conservadores defendem a manutenção do status quo dominante e por conseguinte apóiam os governos da Província e do Império, os liberais querem ver tudo abaixo, e alguns até se atrevem a propor a proclamação da República nas terras brasileiras.⁴⁴

Esse cuidado que o autor teve com a pesquisa do tempo histórico figurado é proposto no romance de forma articulada com os elementos ficcionais. Essa medida faz com que personagens que têm um referente empírico, qual o Imperador ou mesmo Jacobina Maurer convivam com personagens ficcionais, leia-se personagens que não possuem um referente dentro do contexto histórico.

A esse respeito, Walter Mignolo faz referência a um estudo de Parson em que as personagens com referente histórico seriam denominadas *entidades imigrantes*, uma vez que reconhecemos sua existência antes da escritura de um romance, ao passo que as *entidades nativas* corresponderiam às personagens cuja existência desconhecemos antes do romance⁴⁵.

Assim, para que o leitor conheça Karl von Koseritz, representante alemão responsável por um dos mais lidos jornais que circulava em Porto Alegre

⁴² Idem, p.458.

⁴³ ASSIS BRASIL, p.30.

⁴⁴ Idem, p.91.

⁴⁵ MIGNOLO, Walter. In: CHIAPPINI, Lígia e AGUIAR, Flávio Wolf (orgs.). *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: EDUSP, Centro Angel Rama, 1993, p. 125.

e na colônia na época, sua descrição é feita pelo olhar do médico Christian Fischer, uma personagem que, em contrapartida, não possui um referente histórico, i.e, que se constitui no romance como uma *entidade nativa*:

[...] bom articulista e sofrível poeta, Karl von Koseritz, um tipo avassalador, que escreve com várias exclamações no texto. Seus artigos desabam em São Leopoldo como tempestades. Os Pastores e os Padres (só há jesuítas, aqui) o odeiam.⁴⁶

Também é pelo olhar de Christian Fischer que o leitor é levado a conhecer a poeta Luciana de Abreu, por sua vez *entidade imigrante*, que era, à época, a única mulher que fazia parte da *Sociedade Partenon Literário*:

À noite, uma sessão do Partenon Literário, uma espécie de academia de letras da qual von Koseritz faz parte. [...] Em dado momento apareceu uma jovem mulher de braço com o marido, o que fez abrir um círculo de admiração à sua volta. A mulher, depois do beija-mãos, foi à tribuna e, ante o silêncio geral, começou uma conferência sobre os direitos femininos com tal liberdade que me sentei para ouvi-la. – “Por que” – dizia ela, “por que nós mulheres somos afastadas dos cargos públicos e nos é negado o direito de votar? Em que somos inferiores? Se historicamente estivemos ao lado dos homens na construção do mundo, por que não podemos nos sentar à mesa, quando chega o momento de usufruir?” Os cavalheiros olhavam para o friso das próprias calças. Alguns ousavam erguer a cabeça, absortos pela contundência da fala. Mas não pareciam surpresos. Karl von Koseritz me disse ao ouvido que Luciana de Abreu é famosa em toda a Província por suas idéias. Muitos a consideram uma prostituta, lamentam a sorte do marido. Von Koseritz, entretanto, acha-a genial mas destinada ao esquecimento⁴⁷.

⁴⁶ ASSIS BRASIL, p.51.

⁴⁷ Idem, p. 239.

O Doutor Hillebrand, um respeitável médico alemão que é, em verdade, uma das figuras mais conhecidas pelo seu envolvimento social e político com a colônia e o governo brasileiro e que por isso tem sido uma das figuras mais citadas pelo discurso histórico, é citado por Christian em suas cartas ao tio Hans Willbald:

Não pense, contudo, que o Doutor Hillebrand é um revolucionário; é um sólido conservador com uma ponta, digamos assim, de uma visão assistencial pelas classes menos favorecidas. Não se deve esquecer que ele detém várias comendas do Império Brasileiro e é o grande interlocutor da colônia com as autoridades.⁴⁸

Nesse caso, a figuração das personagens com referente histórico não escapa à imagem já instituída pelo discurso histórico, i.e, pode-se dizer que com relação a isso a narrativa guarda laços de parentesco com o romance histórico tradicional, em que as personagens surgem como elemento realista do discurso. Como exemplo, pode-se pensar na aparição meramente representativa do momento histórico, quando, em dado momento, o Imperador é procurado por alguns dos *mucker* no Rio de Janeiro. A sutileza ou mesmo a ironia com que o narrador propõe o diálogo entre D. Pedro e seu genro ratifica a imagem “alienada”, em relação aos problemas sociais, de um Imperador que se resume a pensar nos pobres imigrantes alemães como elementos “pitorescos” ao país:

Despediram-se do Ministro – as questões de Estado já estavam discutidas e acertadas desde o dia anterior – e desceram. Ao chegarem à rua, enxergaram os três alemães, as mãos nos bolsos, olhando embasbacados para um negro que, encostado ao chafariz de Mestre Valentim, oferecia limonada aos transeuntes [...].

O Monarca pisou no estribo do landau, agarrou-se, deu um impulso ao corpo e sentou-se ao fundo do bando. Suspirou:

– Os alemães são pitorescos, aqui no Brasil. Você sabia, Gaston – e dava a mão ao genro, ajudando-o a acomodar-

⁴⁸ ASSIS BRASIL, p.50.

se –, você sabia que meu maior sonho seria trazer Wagner para reger no nosso teatro? É uma idéia que não me sai da cabeça. Dizem que ele sempre está precisando de dinheiro.⁴⁹

Segundo Roland Barthes, a pouca importância dada ao personagem histórico (*entidade imigrante*) é o que confere sua medida precisa de realidade, de autenticidade. Em seu texto *S/Z*, referindo-se à aparição de tais elementos na novela *Sarrassine*, de Balzac, Barthes adverte que os personagens que têm um referente histórico:

[...] são introduzidos na ficção lateralmente, obliquamente, en passant, pintados sobre o cenário, e não destacados no palco; pois, se o personagem histórico adquirisse sua importância real, o discurso ver-se-ia obrigado a dotá-lo de uma contingência que, paradoxalmente, o “desrealizaria” [...] Ao contrário, se estão apenas ao lado de seus vizinhos fictícios, apenas chamados para uma reunião mundana, sua modéstia, como uma eclusa que ajusta dois níveis, iguala o romance e a história: reintegram o romance como família e, tal como os antepassados contraditoriamente célebres e insignificantes, dão ao romanesco seu brilho de realidade, não de glória: são os efeitos superlativos do real⁵⁰.

A figura de D. Pedro, nesse caso, ao contribuir para a “historicização” da ficção, representa o desleixo com que os alemães foram tratados durante seu período de adaptação nas colônias, em especial na Província de São Pedro do Sul. O pedido de intervenção que os *mucker* levavam consigo quando da audiência com o Imperador foi logo despachado por este como mais um papel encaminhado ao Presidente da Província, com vistas ao Chefe de Polícia. Nesse caso, como apenas mais uma questão burocrática que é reiterada pelo contraponto narrativo quando o Chefe de Polícia Interino, Doutor Abílio Álvaro

⁴⁹ Idem, p.329.

⁵⁰ BARTHES, Roland. O personagem histórico. In: *S/Z*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p.129.

Martins e Castro, é incumbido pelo Presidente da Província para ir até São Leopoldo resolver o caso do assassinato do jovem Haubert:

Ao anoitecer, em seu quarto no hotel da viúva Koch, o Doutor Abílio punha em ordem seus papéis: nos últimos dias estivera tão ocupado que a pasta de couro de porco, habitualmente organizada, era uma frenética mixórdia: cópias de petições misturadas a faturas de armeiros, recibos vários, ofícios de rotina, folhas em branco. Ao esvaziar a pasta sobre a mesinha de madeira ordinária, viu um expediente *um pouco amarelado* [grifo meu] com as armas do Império em alto-relevo. Deparou-o, era algo sobre o que precisava falar ao Delegado Schreiner.

No dia seguinte, antes que Schreiner fizesse entrar na sala de audiências um homem “que poderia ser muito útil”, o Doutor Abílio passou-lhe o expediente:

– É preciso uma informação sua, Delegado.

– De que se trata?

– Uma petição que os muckers entregaram ao Imperador no mês de fevereiro. Como o senhor pode imaginar, é um amontoado de absurdos. Mas preciso uma manifestação oficial de sua parte; o Ministro do Reino despachou-o com vistas ao Presidente da Província, que despachou para mim e que despachei para você. Não perca muito tempo com isso. *É apenas papelada* [grifo meu]⁵¹.

Organizando o texto à moda de uma colagem, i.e., intercalando argumentos de um outro campo discursivo, o autor institui um espaço em que ficção e história entrelaçam-se. A certeza que o *romance dos muckers* oferece de estarmos diante de uma narrativa “meramente” ficcional é transpassada pelas marcas da história a todo o instante. Mesmo quando o autor aparentemente recusa-se a escrever uma *história romanceada* ou um *romance histórico*, os pontos de contato com o passado não deixam dúvidas quanto à garimpagem dos “restos do passado”.

O produto dessa coleta é um texto constituído por uma voz autoral que às vezes parece oscilar quanto a um conceito de história – ao utilizar alguns

⁵¹ ASSIS BRASIL, p.356.

elementos do mundo da escrita da história (mapas, litografias, fragmento de diário) ao mesmo tempo em que não se compromete com o dito; e que ainda referencia a sua própria condição na elaboração do discurso acerca do evento, o que é marcado pela nota do autor, ao final do romance. A nota é parte da leitura do texto como dado histórico, assim como o diário do pastor Hunsche que, ao informar que nem todos os mucker foram mortos, historiciza a narrativa ficcional.

Entretanto, o suposto descompromisso com a cronologia a que o autor se refere no posfácio, como já foi visto, e que é reificado pela imprecisão da data sugerida pelo uso do advérbio na primeira página do romance, “1872, talvez junho”⁵² fez com que, ao longo de sua recepção, houvesse trabalhos que, ingenuamente, desconsiderassem a ordem de entrelaçamento da ficção com a história nesta obra. Conforme aponta o historiador Antônio Marcos Sanseverino,

No caso específico do *Videiras de cristal*, este estatuto ficcional é reafirmado pelo próprio autor, que quis escrever um romance, não uma história romanceada, nem um romance histórico. Enfim, *não vejo nesse romance, em seu texto, uma problematização nos limites entre as narrativas histórica e literária* [grifo meu]⁵³.

Em sentido diametralmente oposto, há também alguns que ainda propõem a verificação da autenticidade do fato histórico no romance, fazendo da leitura a espera de uma radiografia da época, principalmente quando há a tentativa de enquadrá-la como parte final da trilogia de Josué Guimarães. Ao longo de mais de uma década da publicação de *Videiras de Cristal*, muitos trabalhos investiram na idéia de que a obra concluiria a trilogia iniciada por Josué

⁵² ASSIS BRASIL, p.11.

⁵³ SANSEVERINO, Antônio Marcos V. *Videiras de cristal: Jacobina Maurer – A identidade do imigrante*. In: MAUCH, Cláudia & VASCONCELLOS, Naira. (orgs.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. Ulbra, 1994.

e, por conta disso, ocorreram tentativas de buscar no texto de Assis Brasil o “fechamento” dos dois romances anteriores.

Nesse sentido, como ponto de partida da análise que se segue, proponho como interlocução um artigo de Luís Augusto Fischer intitulado *Videiras de Cristal e a Imigração Alemã*,⁵⁴ em que o autor assume mediante uma razão puramente impressionista, em um primeiro momento, que não gostou do *romance dos mucker*. Um de seus argumentos seria a falta de fidelidade histórica de *Videiras de Cristal*.

2.1 Ainda a questão da verdade – na verdade, uma questão de representação.

A justificativa para tal “desgosto” de Fischer quanto à realização estética de *Videiras de Cristal* apóia-se em algumas questões que vão desde o ponto de vista no romance até os laços que este teria desatado com a tradição literária que trabalhou “com qualidade” o período da imigração no Brasil⁵⁵. Segundo a perspectiva de Fischer, as narrativas que verdadeiramente empenharam-se no tema da imigração, com maior ou menor labor estético, fizeram-no pela exploração de dois pontos imprescindíveis que teriam ficado aquém de *Videiras de Cristal*: a família e o trabalho. Para ele, “Nela [família] e nele [trabalho] está figurado o verdadeiro universo colono, porque pela família e pelo trabalho se definem os limites da integração do imigrante ao novo mundo”.⁵⁶

⁵⁴ In: *Diversidade étnica e identidade gaúcha*. Santa Cruz do Sul: UNISC. 1994. (Documentos; nº05), p.59-87.

⁵⁵ Como corpus dessa tradição, o autor cita desde *Canaã*, passando por *A Ferro e Fogo*, *O Tempo e o Vento* até os mais contemporâneos, *As Parceiras*, de Lya Luft ou *Valsa para Bruno Stein*, de Charles Kiefer, dando, ainda, uma especial atenção ao “ponto mais alto da ficção brasileira a respeito do tema da imigração”, *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, op.cit. p.75.

⁵⁶ FISCHER, Luís Augusto. Op.cit. p. 69.

Mais adiante, sua manifestação se dá quanto a três outros artigos que dizem respeito à recepção da obra, na verdade, textos que fazem um “elogio ao realismo de base histórica que enforma o romance”. Para Fischer:

Se fosse o caso de elogiar o histórico de Videiras de Cristal deveríamos de imediato admitir que no romance não se encontram tais dois pontos críticos que a história apresenta – nem o fim da vida comunitária conhecida antes da concentração da propriedade e antes da hegemonia urbana sobre o campo, nem a condição sem terra da quase maioria dos mucker. Elogio histórico, neste sentido, só caberia com relação a fatores mais ou menos secundários da história da época, como por exemplo os ademanes da vida urbana, os desvãos da luta política, certos dados concretos sobre construções e sobre a guerra. Mas, convenhamos, é insuficiente para elogiar Videiras de Cristal por sua fidelidade histórica.⁵⁷

Essas considerações são criteriosamente analisadas no decorrer do texto, fazendo com que o romance seja visto como menor em relação ao conjunto da obra a que pertence; sendo, inclusive, visto como mal resolvido ficcionalmente. O que, no decurso da proposta, ganha um contorno polido: “o mais recente romance de Luiz Antonio de Assis Brasil não alcançou realização em nível de excelência”.⁵⁸

O que está em jogo aqui é a análise dos pontos levantados por Fischer que, como texto crítico, merece crédito inicialmente por ser talvez o único que se proponha a não enaltecer prontamente o romance, ainda mais em se tratando do romance de um autor que é vivo. Ressalva feita, passo, de fato, a dialogar com o artigo, e (sempre) com o romance, na tentativa de mostrar – parafraseando Fischer: para mim mesma, em primeiro lugar – os pontos de discordância que percebo entre uma leitura e outra.

⁵⁷ Idem, p.82.

⁵⁸ FISCHER, Luís Augusto, Op.cit.p.80.

A questão da fidelidade histórica levantada no artigo e, como se viu, aferida no romance, parece pouco relevante no que diz respeito à crítica literária contemporânea. A partir do momento em que uma obra se coloca como ficção, mesmo não amparada pelas palavras do autor no final do texto, a procura de dados que comprovem sua veracidade quanto ao narrado, no caso de se compor como ficção historiográfica não faz sentido, pois bem sabe-se que as relações com “o que realmente aconteceu” atualmente são outras.

No caso do artigo de Fischer, seu argumento tem mais a ver com uma resposta à crítica meramente laudatória do que com a pergunta sobre o romance ter se mantido “fiel” ao histórico. Todavia, as colocações quanto a não se ter posto em questão a família e o trabalho, o que de fato mostraria a real vida da colônia, perdem sua força a partir do momento em que se percebe que o romance aponta, sim, para as relações familiares e de trabalho, só que em outra instância.

A narrativa tem como início o ano de 1872, tempo em que as relações familiares já haviam sido subvertidas por outro modelo de organização social. As relações de compadrio, por exemplo, tinham sido substituídas por laços econômicos entre famílias de mesmas ou superiores posses. Nesse sentido, o discurso ficcional parece estar “colado” ao discurso histórico na medida em que atualiza para o leitor o estágio em que se encontram os alemães. A descrição das duas colônias, feita pela personagem Christian Fischer, classificando-as como a face *boa* e a face *má*, dialoga diretamente com o texto de Janaina Amado, citado anteriormente, o qual se refere à *sociedade igual* (1824/1845) e à *sociedade desigual* (1845/1874)⁵⁹. Em uma de suas primeiras correspondências, Christian descreve ao tio o panorama no qual vivem os imigrantes:

E assim a colônia apresenta duas faces: de um lado a face *boa*, isto é, a dos imigrantes que, aqui chegados há quase cinquenta anos, adquiriram fortuna e vieram morar em São Leopoldo. Desfrutam de algumas vantagens do mundo

⁵⁹ AMADO, Janaina. Op.cit. p.

civilizado e podem importar seus cristais da Boêmia, sem esquecer de ilustrar o espírito em viagens a Porto Alegre, distante a quatro horas de barco. Enriqueceram no comércio, intermediando as mercadorias do interior.[...] Os alemães constituem, portanto, uma ilha industrial e agrícola no meio desse cenário. E, como o dinheiro não pode estar em duas mãos ao mesmo tempo, fica de preferência nas mãos dos que já o têm. Revela-se assim a outra face da colônia: a *má*, constituída por toda esta gente que se espalha nas duas margens do rio dos Sinos e forma pequenos núcleos de vida apagada: falam apenas alemão, vivem em seus pequenos lotes de terras e tudo o que ganham não conseguem juntar porque estão sempre em débito com o comerciante, esse deus protetor e terrível. Raros são os que podem comprar um sapato, e a grande maioria não sabe ler nem escrever⁶⁰.

Adiante, o médico continua a descrever o processo hierárquico que, ao longo dos anos, foi compondo a região para onde vieram os imigrantes alemães:

Conhecer Porto Alegre não é apenas percorrer as ruas da Capital da Província, mas saber que há ali inúmeros alemães, divididos em duas classes: os que vieram agora e se estabeleceram com dinheiro trazido com a bagagem, e os outros, em maior número, filhos de imigrantes vindos em 1824 e que ascenderam mais vertiginosamente que os patrícios de São Leopoldo. Assim, há uma hierarquia perfeita entre os alemães da Província: os de Porto Alegre no topo, gozando, além da riqueza, a proteção das autoridades brasileiras; depois os de São Leopoldo e outros núcleos que intermedeiam os produtos da colônia e já podem ser considerados ricos; por fim os colonos, a arraia-miúda das Picadas.⁶¹

A questão econômica e social que apartou os colonos da cidade e provocou a ruptura dos vínculos familiares também é descrita pelo olhar do médico,

⁶⁰ ASSIS BRASIL, p.46-47.

⁶¹ Idem, p.85.

Fui a uma festa em casa de um forte comerciante que faz às vezes de banqueiro. É uma residência com dois andares e, contrariamente às casas de Rothenburg, possui um jardim que exala um frescor todo especial. O comerciante é nascido aqui, mas seus pais – um casal de velhinhos que perambularam pelo salão sem dizerem uma palavra – vieram do Hunsrück e não conseguiram aprender a ler. Dizem que o dono da casa tem vários irmãos que vivem na Picada Nova e Campo Bom, mas dos quais se envergonha por serem muito pobres. Fico imaginando o drama íntimo dos velhinhos que precisam escolher a quem dedicar um maior afeto: se a este filho que venceu – afinal os colonos vieram para o Brasil com esta finalidade – ou se aos outros, “sangue de seu sangue”.⁶²

assim como aos obstáculos com relação ao trabalho que os imigrantes alemães tiveram de enfrentar em meio ao seu estabelecimento no novo mundo:

Os operários de sua fábrica são quase na totalidade do interior do Município, o que se evidencia pelo fato de não usarem sapatos e pela fala atrapalhada, inquietos ao tratarem com gente da cidade. Mas o principal é que notei também alguns verdadeiros colonos que estavam por ali tentando aprender o ofício. – “Por que não ficaram em suas terras?” – perguntei ao industrial. – “As grandes companhias de colonização arremataram os lotes e eles se viram obrigados a vender suas terras e vir para São Leopoldo” – confessou-me com uma candidez sem remorso: fiquei sabendo depois que ele próprio é sócio de grandes empresas imobiliárias. Ou estou errado ou é verdade que algo estranho ocorreu na colonização que se propunha a transformar todos em agricultores, donos de seus próprios lotes.⁶³

Aquilo que Luís Augusto Fischer aborda como não trabalhado pelo romance, e que seriam os “pontos críticos” da história – “[...] o fim da vida comunitária conhecida antes da concentração da propriedade e antes da

⁶² ASSIS BRASIL, p.48.

⁶³ Idem, p. 92-93.

hegemonia urbana sobre o campo, nem a condição sem terra da quase maioria dos muckers”⁶⁴ estão, sim, figurados na narrativa pelo olhar de Christian quando de sua narrativa “pedagógica” ao tio que ficara na Alemanha. Isso ressalta a preocupação do autor em sintetizar o período que antecede a eclosão do movimento, ao mesmo tempo em que o questiona, para deter-se no episódio que de fato interessa-lhe. Lembremo-nos, trata-se do *romance dos muckers*.

Pode-se dizer, portanto, que é antes uma questão de representação – a opção do autor em como narrar aqueles dois pontos críticos – e não da presença de uma verdade figurada sobre a família e o trabalho, que parece ser o ponto não percebido no ensaio crítico de Fischer.

Uma outra questão apontada em seu texto é o detalhismo da linguagem empregado em demasia na descrição das cenas, como algo que compromete a verossimilhança tanto interna quanto externa, quando, por exemplo, do uso da linguagem de artilharia pelos militares ao anteceder de uma das batalhas.

Com relação a isso, pode-se acordar em certa medida com seu ponto de vista, pois a descrição pormenorizada feita pelo narrador no que se refere à montagem da maquete de catedral feita pelo Pastor Boeber, por exemplo, é, à primeira vista, desnecessária para o enredo. Se por um lado a narrativa privilegiou a descrição, deparando o leitor com a difícil nomenclatura utilizada por Boeber para compor seu “projeto arquitetônico”, é correto afirmar que, neste caso, a linguagem se sobressai em relação ao narrado, i.e, soa como algo postiço, ou mesmo como um dado simplesmente acessório à economia narrativa.

Entretanto (daí a concordância com a leitura feita por Fischer se dar em “certa medida”), se o caráter do Pastor frente à situação que se desenhava for levado em consideração como elemento de análise que justifique o uso de linguagem tão pormenorizada, há aí uma brecha que permite pensar o empenho em tal caracterização como um correspondente ao estilo escapista de Boeber. Para ele, era mais aprazível permanecer em seu gabinete, sozinho, “gozando o

⁶⁴ FISCHER, Luís Augusto. Op. cit, p.82

frescor dos seus livros e dos seus papéis, vendo a catedral tomar forma”, do que encarar um fato que abominava, pois havia tido contato com as “mais obscenas paixões humanas, com as formas mais degradantes de vida, capazes de contagiá-lo”.⁶⁵

De certa forma, a idealização da maquete pode ser vista como a metáfora de um projeto utópico sem condições práticas de realização, posto que a colônia dividia-se, naquele momento, entre católicos, luteranos e um número considerável de pessoas que começava a delinear o movimento *mucker*, o que representava mais uma “baixa” para o ideal de congregar os fiéis ao luteranismo. Por isso mesmo o Pastor acaba morrendo incendiado, num suposto ataque dos *mucker*, juntamente a seu projeto inacabado, como pode ser observado no trecho que segue:

A catedral crescia, sustentada pelos arcobotantes encaixados nas laterais. Por meio de cambotas semicirculares dispostas de modo sábio entre as janelas, venceu-se a força da gravidade, ameaçadora da frágil estrutura do telhado. A massa arquitetônica estabilizara-se, permitindo o arremate dos trabalhos ornamentais. Havia portanto condições para começar a torre única, anunciada no canto superior do frontão por um quadrado onde se distinguiam os fundamentos da peça essencial do edifício. Uma tarefa complicada, pois o rendilhado que se projeta verticalmente em direção ao céu deveria ter seu arranque a partir de ângulos bem estudados. O Pastor Boeber, pinça na mão, hesitava: qual das inúmeras pecinhas de madeira dispostas à sua frente deveria pegar por primeiro? Olhou a planta desdobrada sobre a mesa auxiliar, não distinguindo no emaranhado dos desenhos o encaixe que daria início à torre. Largou a pinça, tomou uma lente redonda, de cabo de ébano, e examinou, sobre o papel, as linhas pontilhadas que antes serviam de molde para as peças. Em vão. O desenho ficava cada vez mais confuso⁶⁶.

Se o percurso feito até agora serviu para demonstrar o quanto ficção e história estão interligadas na construção de *Videiras de Cristal* – percurso que

⁶⁵ Idem, p.101.

⁶⁶ ASSIS BRASIL, p.100.

não é original, posto que segue uma trilha de outros estudos sobre esses entrecruzamentos discursivos nesta obra – preocupados ou não com a “fidelidade histórica” –, o que parece mais instigante a esta altura é perceber qual o tratamento dado no romance à história dos *mucker* propriamente dita .

Pôr em evidência o que o discurso histórico solapou durante tanto tempo exige hoje uma outra perspectiva da literatura, dada a nova abordagem dos estudos históricos, como foi visto no primeiro capítulo. É, portanto, sobre a consciência da relativização da escrita da história, presente em *Videiras de Cristal*, que passo a fazer algumas considerações, tendo ainda como articulador o artigo de Fischer, que, a esse respeito, faz-se bastante interessante.

2.2- *Quem foram os culpados, mesmo? ou, No fim tudo são versos?*

– Se me permite, Capitão – diz o Alferes, que até então ouviu em silêncio. – Isso mais parece coisa de bandido, e não de soldado.

– Nesta campanha não há diferença entre uns e outros.⁶⁷

Segundo Mikhail Bakhtin, o romance é um gênero em que várias dicções se encontram e convivem, sendo estratificadas pelas características que cada grupo social representado encerra. A possibilidade da convivência e mesmo da divergência de várias perspectivas sobre a realidade figurada surge no romance, então, como expressão da pluralidade social, instaurando o que o teórico russo denominou plurilingüismo. Nas palavras de Bakhtin:

⁶⁷ ASSIS BRASIL, p. 524.

Como resultado do trabalho de todas estas forças estratificadoras, a língua não conserva mais formas e palavras neutras “que não pertencem a ninguém”; ela torna-se como que esparsa, penetrada de intenções, totalmente acentuada. Para a consciência que vive nela, a língua não é um sistema abstrato de formas normativas, porém uma opinião plurilíngüe concreta sobre o mundo. Todas as palavras evocam uma profissão, um gênero, uma tendência, um partido, uma obra determinada, uma pessoa definida, uma geração, uma idade, um dia, uma hora. Cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções.⁶⁸

Em *Videiras de Cristal*, pode-se dizer que o plurilingüismo é articulado à medida que cada personagem engendra uma dicção própria, um olhar que contribui para a formação de um discurso maior, social, compondo o fato narrado⁶⁹.

Em meio à variedade de dicções que participam da composição do romance, estão a linguagem política do empolgado político e advogado Epifânio Fogaça, do Presidente da Província; a linguagem característica das funções policiais de Lúcio Schreiner, Spindler e João Lehn; a linguagem militar articulada nas estratégias de guerra propostas por Genuíno e Dantas (mesmo que, muitas vezes, suscitadas com preciosismo exagerado); a linguagem ponderada e analítica do doutor Hillebrand; a linguagem eclesiástica dos pastores Boeber e Klein e do padre Mathias; cada qual com suas nuances ao mesmo tempo em que evocam a palavra de outrem, já que não há, segundo Bakhtin, uma palavra pura, que não seja “contaminada” pelo discurso alheio.

A representação da linguagem jornalística colada ao discurso ficcional por sua vez projeta o discurso oficial da época. Aquilo que seria a reprodução da notícia veiculada pelo jornal é intercalado com a exclamação do narrador –

⁶⁸BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética*. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 4ª edição, 1998, p.100.

⁶⁹Entretanto, é importante salientar que plurilingüismo não está sendo confundido com opção por múltiplos narradores, o que não confere ou garante um caráter dialógico a uma obra, obviamente.

“sempre a imprensa!” –, como marca de um manifesto deliberado ao massacre dos *muckers*:

Enquanto isso a colônia ardia em retaliações: as casas dos *muckers*, desde a Linha Nova até o Padre Eterno, eram incendiadas sem a menor piedade, e as mortes continuavam. Os jornais de São Leopoldo e de Porto Alegre – sempre a imprensa! – instigavam a população a fazer justiça por si mesma: “Na Schwabenschneis há hoje caçada aos *muckers*, como se costuma dizer; há desconfiança de que aí se achem dois Mentz cuja captura está confinada aos moradores das Picadas adjacentes. Esses perversos *muckers* são perseguidos como se fossem feras, e, quando não se deixam caçar vivos, derruba-se-os a tiros, o que nos parece o processo mais simples que se pode empregar.”⁷⁰

Por outro lado, a anedota que em determinado momento é congregada ao romance, mais do que surgir como mais um modalizador do discurso coloquial na colônia, é a expressão viva e, portanto, evocativa de um contexto que serve para caracterizar o universo em que vive a personagem Jacó-Mula na busca pela aceitação em meio aos frequentadores da venda de Nadler:

Com o estômago em fogo e a cabeça estonteada, Jacó-Mula lembrou-se de uma anedota:

Uma vez um caixeiro-viajante vinha por uma estrada e chegou a noite. Pediu pousada a um colono. O colono disse: “Está certo, você então dorme com a Nenê”. O viajante, preocupado que ia ouvir choro de criança toda a noite, preferiu ir dormir no galpão e soltou o burro ao pasto. De manhã veio acordá-lo uma linda moça. “Quem é você?” – ele perguntou. “Meu nome é Nenê” – a moça respondeu, logo perguntando: “E você quem é?” O viajante respondeu: “Eu sou o burro. O caixeiro-viajante está pastando lá fora”.⁷¹

⁷⁰ ASSIS BRASIL. p.433.

⁷¹ Idem. p.79.

Da mesma forma, o canto é incorporado ao romance como uma espécie de modalizador das cenas em que há o culto religioso no Ferrabrás. Como elemento articulador da verossimilhança, historicizando a narrativa, o canto ajuda o leitor a refigurar o tom messiânico das reuniões em torno de Jacobina, ou seja, invoca um mundo de significações do universo religioso delineado nos cultos dos *mucker*:

- Canto número 89! – disse Tio Fuchs – Quem souber ler, comece o cântico. Os outros vêm atrás.
 Alguns colonos abriram o hinário e começaram a cantar:
 Fulge dos cristãos a vida interna, embora por fora queimados de sol.
 O que o rei celeste lhes concedeu, só eles sabem.
 O que nunca ninguém sentiu, nem tocou.
 Ornou-lhe os sentidos iluminados,
 elevando-os à dignidade divina⁷².

Já no momento em que o narrador introduz uma cena entre Christian Fischer e seu tio Hans Willibald, ainda na Alemanha, o que transparece é a linguagem, de certa forma pedagógica, do médico especialista em doenças mentais que traz o discurso popular da época para contrapor ao seu, científico, sobre um tipo de enfermidade que acometia as mulheres, conhecido como histeria:

Von Severin estudara em Paris e tinha idéias revolucionárias sobre o tratamento da histeria, em geral uma doença pouco conhecida e na maior parte das vezes servindo de desculpa para a ignorância do verdadeiro mal: os homens, por não conhecerem as mulheres, imaginam filtros, convulsões vaporosas e um total mistério, tudo isto provindo do útero, que não é senão o órgão feminino da reprodução humana.⁷³

⁷² ASSIS BRASIL, p.84.

⁷³ Idem, p. 17.

Enquanto a pluralidade de discursos que permeia a construção da narrativa marca socialmente o lugar daquele que observa/fala, as cartas enviadas à Alemanha por Christian a Hans Willibald constituem-se como um outro recurso discursivo, de colagem, que o autor utiliza para compor o enredo, podendo ser visto como um mais um elemento introdutório do plurilingüismo no romance – na visão de Bakhtin, um gênero extraliterário intercalado. Dispostas na narrativa, inclusive com sinais gráficos que as diferenciam da fala do narrador e das personagens (o uso do pontilhado), as cartas refratam as idéias do autor ao revelarem a perspectiva de Christian frente aos acontecimentos.

Com relação a isso, Luís Augusto Fischer propõe em seu artigo que a fala do médico em nada esclarece ou direciona a narrativa sobre os acontecimentos no Ferrabrás. Segundo ele:

O doutor Christian merece ainda outro registro. Sua presença já avulta nas primeiras páginas, quando se narra sua formação, suas dúvidas, suas peculiaridades, numa indicação para o leitor de que sua atividade ao longo do enredo será decisiva. No entanto, dá-se o contrário: se esperávamos (legitimamente, a meu juízo) que seu olhar estrangeiro e bem informado fosse oferecer um contraponto crítico à polarização política, social e ideológica havida no conflito mucker – a exemplo talvez do Dr. Winter de *O tempo e o Vento* -, o que se realiza de fato é uma personagem que não decola, não alça o vôo panorâmico que presumíamos para ele a partir (insisto) da construção de sua personalidade no romance. Ao fim, sua atividade toda se resume a um pífio apoio a Jacó Mula, quando este cogita em salvar sua própria pele e inventar uma nova perspectiva de vida.⁷⁴

O que Fischer chama de “pífio apoio a Jacó-Mula” é, na verdade, um recurso ficcional que o autor articulou para resolver o “destino” de Jacó, uma vez que está registrado pelo discurso histórico que ele (Jacó) jamais foi encontrado. Sob essa perspectiva, a *entidade nativa* (Christian) é quem oferece sentido ao

⁷⁴ FISCHER, Luís Augusto, op.cit, p.83.

registro histórico sobre o desaparecimento da figura histórica, a *entidade imigrante*, Jacó-Mula.

Antes, porém, sua atividade é trazer à consciência aquilo que está “esquecido” na mente daquelas pessoas porque é motivo de tensão e sofrimento pela perda dos parentes. O doutor Christian Fischer, que na Alemanha se especializara na cura de doenças mentais, mas que no Brasil não fora bem sucedido até então, neste momento exerce sua especialidade, fazendo com que cada pessoa presente no esconderijo dos fiéis, após o confronto contra as forças do exército brasileiro, recorde e consiga verbalizar sua perda. O que refrata, em um sentido mais amplo, a perspectiva do autor quanto ao narrado: somente via elaboração discursiva é possível tomar consciência do que é passado, i.e, somente pela articulação da fala em forma de narrativa o sujeito consegue racionalizar – elaborar, no sentido psicanalítico – seus sentimentos:

O Doutor, surpreendendo a todos, pede a Jacó-Mula que fale sobre o Tio Fuchs.

- Sobre o Tio Fuchs?

- Sim. Como era ele?

Este “era” gela o coração, contudo, animado pela força que vem de Christian Fischer, Jacó-Mula começa a falar, primeiramente indeciso:

– Era velho. Era bom.

– Queria o bem de todos – diz o avô Maurer, saindo mutismo.

Ouvem a voz trêmula de Johann Sehn:

– Era grande e forte.

E assim, com palavras de uns e de outros, vão *refazendo* [grifo meu] a figura imponente do Tio Fuchs. (...) E em todos os rostos surgem as mesmas lágrimas de saudade, até agora represadas pelo horror do incêndio e dos canhões. Entre arrancos de soluços os nomes queridos são agora ditos com coragem, recuperados da obscuridade opaca do esquecimento. Quando se apercebem, todos estão abraçados, sabendo que sim, os mortos estão mortos, irremediavelmente submersos na Eternidade sem volta, e que se algo ficou deles são corpos despedaçados e ardidos pelo fogo.

Esta súbita consciência instala em todos os peitos uma dor pungente, da qual antes não conseguiam falar. E novos nomes surgem dos lábios.⁷⁵

Por outro lado, a proposta de que o médico é uma personagem que não ilumina os acontecimentos, segundo a leitura de Fischer, não parece condizente com sua posição no romance. Christian consegue, de forma bastante particular – pelo seu olhar irônico – esclarecer os fatos ao leitor, como pode ser percebido na passagem que segue, quando ele resume ao tio o que de fato interessa a Hillebrand:

O único aspecto do movimento que agora preocupa Hillebrand é de natureza pública. A desigualdade social somada à ganância dos colonos ricos, pode causar grandes males. (...) O povo desassistido pode muito bem seguir qualquer aventureiro – ou aventureira – que lhe diga algumas palavras bonitas e prometa vida farta. Desta forma como as coisas estão, a Jacobina, por si mesma inofensiva e ingênua, poderá servir de elemento congregador a todo este povo e representar, no final, algum incômodo.⁷⁶

Da mesma forma, ele denuncia o enriquecimento fácil de alguns alemães de São Leopoldo, ao mesmo tempo em que avalia a situação dos *mucker*, ainda sob um olhar irônico:

O industrial não se deu conta de um *ganho acessório* [grifo meu]: esses artesãos-operários e assalariados, por não ficarem nas colônias, deixarão de engrossar as fileiras dos deserdados que encontram nos Maurer algum tipo de esperança.⁷⁷

Mais adiante, seu questionamento frente ao padre Mathias Münsch pode ser visto como a constatação de que um acontecimento sempre possui pelo

⁷⁵ ASSIS BRASIL, p.501.

⁷⁶ ASSIS BRASIL, p.165.

⁷⁷ Idem, p.92.

menos dois lados e que, portanto, os *mucker* não podem ser responsabilizados como os únicos culpados pelas atrocidades cometidas durante aquele período, uma vez que a Igreja, por exemplo, também contribuiu com sua intransigência e dogmatismo para o desenrolar da situação:

Veja, Padre: não tenho a intenção de dizer nada que seja uma novidade para o senhor, um homem que por profissão deve compreender as pessoas, por mais estranhas que sejam.

– Sempre fiz isso. – Mathias Münsch respondeu num tom mais exaltado do que esperava.

– Será? E seus sermões? E seus artigos no *Deutsches Volksblatt*? Ouvi-o na igreja, uma vez. O senhor destilava ódio e incitava os católicos a uma atitude radical contra os *mucker*. Cada qual tem sua responsabilidade. Os *mucker*, inclusive.

– E todos se julgavam certos.

– Todos estão certos. E todos errados. – O médico ajustou a tábua ao lado das outras e começou a pregá-la. – Perceba, padre, que não o estou condenando. O mal é que sempre somos julgados pelo que fizemos no passado, e nunca pelas nossas intenções de agora.⁷⁸

E mesmo que ao longo de uma tradição literária a personagem do estrangeiro, do naturalista, daquele que, em tese, possuiria discernimento suficiente para apreciar com clareza determinada situação, dado o seu descentramento, tenha feito escola, quem garante que o avaliador consegue separar “o joio do trigo”? Mais uma vez, lembremo-nos: isso diz mais respeito a uma história tradicional. Atualmente, a questão que se coloca tanto na teoria literária quanto na teoria da história é a tentativa de relativizar o olhar, pois não há visão única que possa dar conta do todo ou de tudo, enquanto modo de figuração de uma determinada realidade.

É, portanto, a partir da escolha por um narrador que costura a narrativa ao alternar seu discurso com o discurso de outras personagens que o romance de Assis Brasil demonstra tanto a sua consciência com relação à relatividade na

⁷⁸ *Idem*, p.379.

composição dos fatos, quanto a consciência de que a história há algum tempo deixou de ser vista como a validação de uma verdade absoluta que só pode ser descrita por um único olhar objetivo e imparcial. Esse aspecto, referente à forma discursiva, ao mesmo tempo em que assegura que o movimento dos *mucker* possa ser visto sob vários pontos de vista, inclui a narrativa no grupo dos romances contemporâneos que, de acordo com Lämmert:

deixaram há tempos de entregar a história a indivíduos isolados, e por isso eles testemunham os processos que descrevem não mais com o depoimento de um narrador, mas sim com uma ordenação paralela de perspectivas pessoais diversas.⁷⁹

Ao passo que as cartas e as diversas dicções introduzidas pelo olhar particular das personagens convivem no espaço da narrativa, engendrando suas especificidades e desestabilizando, portanto, uma única versão dos fatos, uma espécie de fragmentação discursiva vai sendo gerada ao longo do romance. A fragmentação do ato narrativo não funciona, conseqüentemente, como uma “desordenada” forma de narrar, como é apontada por Luis Augusto Fischer, que vê inclusive dificuldade em apontar de que se trata o romance devido à “confusão” quanto ao foco narrativo; ao contrário, é essa estrutura que dá margem para que o romance seja constituído por várias versões sobre o episódio dos *mucker*.

Esse estilhaçamento provocado pela pluralidade de discursos que compõem a narrativa pode ser entendido segundo a concepção estabelecida por Gilda das Neves Bittencourt em estudo sobre o conto sul-rio-grandense:

O descentramento característico da modernidade corresponde a uma relação mais democrática no interior

⁷⁹ LÄMMERT, Eberhard., apud AQUINO, Ivânia Campigotto. *Literatura e História, aproximações discursivas*. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, nov/1999, p.31.

do texto, por eliminar a soberania do narrador único, e também mais realista, por mostrar a realidade tal como é percebida por cada um, a cada vez, pois a visão que temos um do outro será sempre limitada e unilateral, e a visão dessas percepções parciais e fragmentárias.⁸⁰

Independentemente do recorte que seja feito a fim de se privilegiar uma dessas versões, a opção do autor pelo modo de narrar como se o romance se constituísse qual um caleidoscópio a girar a cada momento que o narrador se desloca e dilui no olhar das personagens possibilita a articulação dos elementos históricos e ficcionais dentro de uma estrutura plurivocal. O que não significa indeterminação do tema; aliás, isso parece bem claro: o romance trata da “trajetória pessoal de algumas personagens – reais ou fictícias – que tiveram parte de suas vidas ligada ao episódio do Ferrabrás”.⁸¹

Nesse sentido, há em *Videiras de Cristal* uma dimensão maior do enredo, que pode ser chamada de macrocosmo, que norteia a própria perspectiva da história narrada e que é composta por vários olhares, vários discursos sobre os mesmos fatos. E, por outro lado, há uma dimensão menor, um microcosmo ou microvisão, que também é constituída por esses discursos, mas que, uma vez isolados, orienta-se para uma visão parcial, fragmentada daquilo que é percebido.

Com isso, o discurso de Jacobina se caracteriza como mais um discurso na colônia em busca de afirmação. Tão totalitário quanto o discurso de Epifânio Fogaça ou do Pastor Boeber, seu discurso não admite nuances ou variações internas em sua estrutura, já que isto representaria uma ruptura no absolutismo pretendido pela única voz. A palavra da *mutter* revela em determinada altura da narrativa, na verdade, a intolerância e a intransigência não só do discurso messiânico, mas também de todos aqueles discursos que se

⁸⁰ BITTENCOURT, Gilda das Neves. *O conto sul-rio-grandense: tradição e modernidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999, p.222-223.

⁸¹ ASSIS BRASIL, p.541.

propõem como portadores da verdade: “Aqui eu sou a verdade. E mais uma coisa: no Ferrabrás não há volta. Um fiel é um fiel para sempre”.⁸²

Com semelhante estrutura são construídos os discursos de Klein e Haubert, que oscilam em relação aos *mucker*; o discurso dos alemães em relação aos brasileiros, sempre os desconsiderando; o discurso dos *mucker* em relação aos colonos de São Leopoldo, referindo-se a eles como ímpios. Esta visão sobre o mundo, que se pode chamar de maniqueísta, não está ligada somente à colônia – a suas duas faces –, mas também à divisão de pensamento que norteia todo tipo de construção social que procura manter basicamente a relação dominantes *versus* dominados.

Nas brincadeiras das crianças, essa visão pode ser percebida como uma antecipação do final trágico que o movimento teria:

Do lado dos cidadãos dignos ocorria uma espécie de doença mental, revelada até entre as paredes domésticas: se alguma criança não dormia de noite ou molhava a cama, lhe diziam: – “Cuidado que a Jacobina te pega”. Mesmo as crianças em suas brincadeiras formavam dois bandos que se digladiavam com tiros imaginários e espadas de pau – o bando que sempre perdia era o de Jacobina.⁸³

Na perspectiva do padre Mathias Münsch, essa distinção também fica clara quando da comparação que ele faz dos *mucker* com os índios aculturados pelo Padre Sepp – seu grande ídolo –, como uma forma de justificar sua campanha de execração dos infiéis:

Foi uma noite difícil para o Padre. Destinaram-lhe um quarto amplo, à frente da casa. Dali ouviu as conversas abafadas dos visitantes que por não terem tanta hierarquia como ele não ganharam quarto e faziam serão na sala e

⁸² Idem, p.331.

⁸³ Idem, p.258.

por vezes vinham ao jardim. A imagem de Phillip Sehn usara era cruel em sua força; os muckers pareciam ratos, ou bestas selváticas, escondidos daquela maneira, prontos para o ataque. “Como os índios que o Padre Sepp encontrou na América”, uma voz vibrou dentro de si, quase uma inspiração.

Só conseguiu dormir depois de estabelecer intrincadas diferenças entre os índios, ingênuos em sua candura, e os fanáticos da Jacobina, cristãos desvirtuados da fé. São diferentes como água e azeite – foi o pensamento antes dos sonhos.⁸⁴

Nesse caso só podem existir conservadores ou liberais na esfera política; luteranos ou católicos, ímpios ou escolhidos por Deus na esfera religiosa, já que a natureza da relação rico *versus* pobre, em termos gerais, dominante *versus* dominado, tem seus defensores.

O romance demonstra, no entanto, que esse objetivo esbarra, em sua realização, na impossibilidade de existir como proposta única, ao menos em termos pacíficos, pois há uma oposição básica que deve ser considerada: para que haja uma noção do que seja o ímpio, deve haver também a daquele que é piedoso. Essa hierarquização - as duas faces da colônia, “os ímpios e os escolhidos por Deus”, os vencedores e “o bando de Jacobina” -, porém, não corresponde a um lugar fixo, já que o romance privilegia uma estrutura dialógica.

O padre Mathias Münsch, que viera para o Brasil na ilusão de encontrar almas para catequizar, vai ,aos poucos, mudando sua percepção sobre o que de fato encontrou no país, até o momento em que altera radicalmente seu ponto de vista quando do encontro com Elisabeth Carolina. A partir daí, o padre passa a compreender que aqueles que detinham o poder, religioso ou político, também foram responsáveis pela situação cáustica na colônia. Sua consciência começa a questionar uma realidade aparentemente inquestionável que foi forjada pelo discurso histórico tradicional, a que apresentou os *mucker* como os únicos causadores da tragédia ocorrida no Ferrabrás:

⁸⁴ Idem, p.294.

Era, na verdade, a alma e o espírito de todos aqueles infelizes que padeciam em um universo de medo, angústias e desesperança, a chaga aberta da colônia. E pouco a pouco Mathias Münsch dobrava-se à evidência de que tudo estava às avessas: os verdadeiros pecadores eram eles, os homens que representavam o poder, eles é que deveriam penitenciar-se por anos e séculos de negligência e intolerância. Qual a importância de que aqueles colonos fossem católicos, protestantes? A uni-los havia a miséria, o abandono mais abjeto. Ele a procurar almas onde exercitar seu destino missionário e elas estavam ali, pulsantes, clamando por um socorro, não por recriminações.⁸⁵

Essa personagem delineia-se como positiva dada sua capacidade, diante da multiplicidade de vozes, de abrir mão da própria voz e reconhecer a voz do outro como sensata e digna de atenção.

Por outro lado, a voz narrativa, que em alguns momentos também se dilui na visão de Ana Maria Hofstätter ou na de Elisabeth Carolina, privilegia em outros o olhar de Jacó-Mula. Essa personagem que aparenta uma consciência ingênua ao reverenciar a imagem de Jacobina com espanto, a certa altura lança um olhar questionador que parte de dentro do próprio movimento:

Jacó-Mula vinha assobiando e feliz quando parou de súbito. Foi escorregando a mão ao bolso das calças, sustendo o fôlego, controlando para que seu movimento não fosse percebido. Sentiu a testa cobrir-se de um suor frio. É hoje, pensou. Ao alcançar o bolso já havia armado a estratégia: desta vez agiria com a rapidez de um raio, não daria tempo para a menor possibilidade de reação. Empunhou os grãos de sal e, mais rápido que o pensamento, jogou-os no belo pintassilgo que bicava a metade de uma fruta à margem do caminho. Acho que errei de novo, desconsolou-se ao enxergar a ave espavorida agitar as asas e ganhar altura. Sempre vou errar, sempre? Ao bater as mãos uma na outra para limpar-se, foi tomado por uma dúvida: e se mentiram? *E se nunca foi possível pegar passarinho desse jeito? Se me mentiram isso, bem podem ter mentido muitas coisas* [grifo meu].

⁸⁵ Idem, p.297-298

Andavam estranhos, no Ferrabrás, principalmente depois do suicídio do velho Hirt, afastavam-no das conversas. E hoje os ditos enigmáticos de Rodolfo Sehn haviam deixado na parte mais profunda de sua cabeça alguma lembrança. Fizera tudo para esquecer, mas não se pode esquecer o que inunda alma de presságios. Ela não, a Mutter não mente, ela vai me falar a verdade.⁸⁶

Dessa maneira, o leitor não está diante de uma estrutura discursiva fechada, monológica. A cada novo posicionamento do narrador e das personagens diante de um acontecimento, uma nova imagem é figurada. Assim, tanto *mucker* quanto “forças contrárias” formam, a partir de sua perspectiva, um juízo sobre os fatos que não se repete. É assim também pelo olhar do narrador que relativiza a “verdade” sobre os fanáticos *mucker*. A voz narrativa, em determinado momento, mostra que tudo é uma questão de ponto de vista:

Os *mucker* lutaram como leões destemidos em defesa de seu covil, atirando sempre, não hesitando em expor-se de peito aberto às balas. Aos gritos de “Viva Jacobina”, iam sendo dizimados. Em pouco tempo estavam premidos à volta da choupana e quanto mais atacados, mais atiravam. Debalde, porém. *Sua loucura os levava a atos que poderiam ser chamados de heróicos* [grifo meu], não fosse a causa perversa que defendiam, e que acabava por tirá-lhes a vida.⁸⁷

Na medida em que a constituição do fato histórico é elaborada pelo discurso de várias personagens, o leitor vai sendo informado de que a história é uma construção selecionada de acordo com as expectativas de quem a escreve, portanto, sua escrita geralmente corresponde a uma visão parcial daquele que é, como se viu, o dono do caderno de rascunho⁸⁸:

⁸⁶ ASSIS BRASIL, p.266.

⁸⁷ Idem, p. 531

⁸⁸ A este respeito, essa imagem é utilizada na página 16, do capítulo 1, item 1.1, deste trabalho.

Na volta para casa, Lúcio Schreiner vinha calado. A mulher interpelou-o, perguntando se era verdade que havia dito coisas desabonadoras a respeito dos Maurer; a esposa do Tenente-Coronel Alencastro ouvira uma parte da conversa entre os homens e viera pedir confirmação.

– Sim, falei.

– Talvez não fosse o mais prudente.

Então, o que você queria? Como autoridade policial, devo ser mais atento à verdade do povo do que à verdade dos fatos. *O que importa não é como as coisas acontecem, mas sim como dizem que acontecem* [grifo meu]. A moralidade pública alimenta-se de versões.⁸⁹

A denúncia de que há sempre alguém a selecionar os fatos é feita também pelo narrador quando, ironicamente, há a referência à prisão dos colonos. Nesse momento, a voz narrativa “adere” à forma como os *mucker* foram designados dentro do movimento por Jacobina, esclarecendo ao leitor a manipulação sobre os dados do inquérito que é feita pelo Chefe de Polícia:

O segundo apóstolo a depor foi Mateus, um homem já velho, outrora chamado Carlos Wilborn. A este o Chefe de Polícia começou indagando sobre a falada ascensão de Jacobina, ouvindo em resposta um exaltado resumo daquilo que todos comentam: Jacobina apareceu misteriosa e bela, coroada de flores, a própria imagem de Jesus Cristo. (...) A platéia da Câmara agitou-se, ouvindo-se exclamações indignadas. O Chefe de Polícia bateu com os nós dos dedos na tampa da mesa pedindo silêncio, era visível que estava incomodado, curioso por saber mais. Entretanto conteve-se, *limitando-se a mandar ao escrivão que não registrasse* [grifo meu] a cena descrita por Carlos Wilborn.⁹⁰

Essa estratégia utilizada pelo autor permite que a história seja questionada por representantes de toda a comunidade. Assim, cada segmento aponta um motivo particular para que o movimento seja “apagado”.

⁸⁹ ASSIS BRASIL, p.114.

⁹⁰ Idem, p.198.

Seja pelo fato de que os *mucker* são força de trabalho que está sendo desperdiçada:

[...] os Maurer devem ser anulados porque começam a atrapalhar a vida pacífica na colônia. Não querem vir às festas e começam a não precisar mais de nós. E tudo isso é força de trabalho, Padre, é tudo gente que deixa de moer seus grãos no meu moinho. Em outras palavras; é o dinheiro que não circula, fica enterrado dentro de panelas nos fundos das casas.[...] Os muckers são estranhos a nós. São fanáticos, intolerantes! Começam a tirar os filhos das escolas e isso é bem uma prova de sua arrogância, desprezam aquilo que de melhor possuímos nós, alemães: a cultura e a ordem. Será um serviço que faremos acabando com eles⁹¹

ou por terem se absterido de votar nas últimas eleições, o que veio a prejudicar Lúcio Schreiner:

Esperavam-no com a mesa ainda posta. Comeu sozinho, cheio de apreensões. Tanto ele como o Inspetor de Quarteirão estavam mentindo: João Lenh tinha razões *subalternas* para adotar essa atitude feroz com os muckers [grifo meu] – a história vergonhosa de seu envolvimento com a mulher de Henrique Mentz hoje ficara confirmada. A mulher desprezada age com velhacarias inócuas; o homem na mesma situação age com a violência. Era o que João Lenh fazia, usando de seu cargo.

Por outro lado, ele, Lúcio Schreiner, apesar de honrar a dignidade de que estava investido e ainda que procurasse trabalhar com tolerância e senso de dever em primeiro lugar, *não podia esquecer-se da afronta de Maurer ao negar-lhe os votos* [grifo meu]⁹²

seja pelo fato de serem considerados pelos liberais como forças políticas que, ao invés de estarem sendo desperdiçadas na luta contra os conservadores, poderiam fazer frente a esse tipo de pensamento político:

⁹¹ ASSIS BRASIL, p.140.

⁹² Idem, p.149.

O fato de os colonos afirmarem que grassa a mais sórdida perversão moral entre os muckers é coisa que não interessa aos liberais, porque estes defendem o amor livre, sem as barreiras do Altar e do Trono; o que os preocupa apenas – pelo menos assim afirma o advogado – é o aspecto desagregador do movimento, que bem poderia canalizar tanta energia para a boa causa dos operários do mundo inteiro: “Eis os frutos da falta de instrução!...”⁹³

ou ainda por serem vistos por Hillebrand como desordeiros que estavam maculando a imagem do imigrante alemão trabalhador e pacífico:

Retomaram a marcha. Hillebrand disse:

– Mau, muito mau mesmo. Você está sendo desprestigiado, Schreiner. Você não pensou nunca em renunciar?

Foi a vez de Schreiner estacar a marcha. Encarou o olhar límpido do médico.

– Não, nunca.

– Claro – fez Hillebrand. – Mas não custava pensar nisso. Afinal você não pode esperar que tudo se desnorteie e fique desacreditado por completo perante os cidadãos. Se você sai agora, ainda pode recuperar sua honra. E com isso a honra de todos nós, germânicos. Perceba, Schreiner, não é apenas um caso pessoal seu, mas algo que diz respeito a toda a comunidade alemã.

Aos poucos desvelavam-se os propósitos de Hillebrand. O médico pediu que continuassem andando.

Precisamos salvaguardar a nossa responsabilidade [grifo meu]. Se os brasileiros quiserem, eles que massacrem os muckers e assumam o ônus perante a História. Basta o que temos sofrido. Nunca se viu tanta loucura na colônia. *Sempre tivemos a fama de ordeiros, trabalhadores e cultos* [grifo meu]. Não pense você que me são indiferentes os artigos de von Koseritz. Me sinto envergonhado cada vez que os leio. Ele expõe a público uma questão que deveria ser escondida.

Schreiner espantava-se cada vez mais.

– Mas não se pode negar a existência dos mucker, agora.

⁹³ ASSIS BRASIL, p.161.

Sei disso. Mas tentemos pelo menos tirar de nós toda a culpa. Não podemos passar por cúmplices. Deixe que os brasileiros acabem com tudo⁹⁴.

De qualquer forma os *mucker* deviam ser excluídos do convívio social, o que de certo modo representa serem apagados de um lugar na história da colonização alemã.

Além do questionamento de como a história sobre o movimento *mucker* foi construída, i.e., de como os discursos (político, social, religioso) foram engendrados para a construção daquele momento histórico e para o “apagamento” dos fanáticos de Jacobina, *Videiras de Cristal* apresenta também o questionamento do fazer literário, fato que é visto ironicamente por Luís Augusto Fischer como “um requinte metanarrativo”.

Quanto a isso, pode-se dizer que a alusão metaliterária está presente na narrativa desde a formulação do título, como se viu, *o romance dos muckers*, passando pela referência irônica aos escritos de von Koseritz, à *Sociedade Partenon Literário*, mais especificamente à poeta Luciana de Abreu e à figuração de sua linguagem poética, até o momento em que a reflexão sobre a escrita literária é mais marcada pelo diálogo entre o Capitão Dantas e o Coronel Genuíno:

- A propósito, Capitão, vi que você escrevia numa caderneta quando cheguei ao cemitério.
São anotações.
- Que anotações?
- Anotações para um livro que desejo publicar depois desta campanha.
- Um oficial ilustrado, pois não? – Genuíno voltava a assumir o tom irônico. Mas logo mudou: - Faça como achar melhor. Só lhe digo uma coisa: estamos numa operação militar. Isto não é uma página de literatura.
- Mas um dia poderá ser, Coronel. *Quando os fatos desaparecem, fica apenas a literatura* [grifo meu].
Genuíno riu, abanando a cabeça. – “Esses artilheiros!”⁹⁵

⁹⁴ Idem, p.446.

⁹⁵ ASSIS BRASIL, p. 456.

Dantas, que andava as voltas com a difícil tarefa de descrever o episódio, vê-se diante mesmo da impossibilidade de fazê-lo depois dos últimos acontecimentos no Ferrabrás: “como descrever uma tragédia sem ser excessivo?”⁹⁶ Seu olhar, que deveria ser, conforme Fischer, igualmente um olhar iluminador, é rompido pela presentificação de que o espaço da hecatombe, como ele se refere ao extermínio dos *mucker*, é o espaço do caos, por conta disso é um espaço fragmentado. Reconstituí-lo via prosa literária é apenas uma tentativa, mostra-nos o Capitão ao rasgar suas anotações, pois é grandioso o esforço para se obter um olhar satisfatório sobre tanta barbárie.

Ao rasgar a caderneta, o Capitão demonstra que esse olhar exógeno, de fora pouco tem de verdade como um olhar que ilumina os fatos, pois ele é, lembremo-nos, ainda, apenas mais *um* olhar. Na sua perspectiva, portanto:

- Posso seguir, Capitão? – pergunta-lhe o Doutor, segurando uma atadura.
- Pode – responde San Tiago Dantas. – Antes, preciso fazer uma coisa. E, tomando a caderneta de anotações, rasga-a ante o espanto do médico, que lhe pergunta por que fez isso. A resposta é pronta:
- *Tudo muito trágico, Doutor, para ser apenas literatura [grifo meu]*⁹⁷.

Com base nessas considerações, a grande saída do romance, que é considerado por Fischer como má urdidura textual, parece ser esta: como um romance que seria herdeiro da veia realista, acaba manifestando uma grande consciência quanto à fragmentação do tempo e, conseqüentemente, quanto a sua forma de representação. Ao não se colocar como uma estrutura narrativa totalizante, o romance de Assis Brasil solapa o projeto realista, ficando, portanto, em acordo com a ficção histórica contemporânea, que desprestigia as grandes narrativas, pois tem consciência de que a percepção que se pode ter do outro

⁹⁶ ASSIS BRASIL, p.531.

⁹⁷ Idem, p.532.

“será sempre limitada e unilateral, e a visão dessas percepções parciais e fragmentárias”.⁹⁸

Não é por acaso que, assim como o ato de rasgar a caderneta feito por Dantas, e a aderência de Christian ao movimento (como se de perto pudesse observar melhor), o olhar do narrador volta-se, ao final do romance, para a Alemanha, espaço originário daqueles que agora dispõem somente de lacunas para preencher. Hans Willibald, que tinha por desgosto o sobrinho ter ido às selvas do Brasil é quem cumpre o papel de fechar a cena sobre seus compatriotas:

Bem ali estava a caixa, posta sobre a bancada. Pegou um pé-de-cabra e com uma lentidão desmedida, que ele atribuiu ao desejo de prolongar ao máximo o prazer, foi retirando as tábuas do tampo. O que primeiro apareceu foram os jornais amassados. Como das outras vezes, ele não resistiu à curiosidade de ler superficialmente os textos do *Der Bote* e do *Deutsches Volksblatt*. Quem diria que naquela parte remota do mundo se imprimiam jornais alemães? Os artigos de primeira página falavam sobre o livramento dos mucker, essa dissidência liderada por uma mulher perversa, neta de alemães do Hunsrück. “Só mesmo gente do Hunsrück” - consolou-se Hans Willibald ao ler as atrocidades que os sectários praticavam contra os inimigos. *As notícias lhe chegavam aos pedaços, nunca pudera compor um quadro perfeito do movimento* [grifo meu] e, de certo modo, nem o queria. Era por demais vergonhoso e lúgubre. Culpava-se por isso, afinal o sobrinho...⁹⁹

Na tentativa de recuperar alguns rabiscos do caderno de rascunho, visando a que o absolutismo de uma verdade única sobre o episódio fosse enfrentado, *Videiras de Cristal* parece estar nesse interstício: um “romance histórico” ou “uma história romanceada”, numa espécie de entrelugar que se inscreve muitas vezes quando o objeto figurado pela ficção possui um referente empírico. De qualquer forma, o romance entendeu que o episódio dos *mucker*

⁹⁸ BITTENCOURT, Gilda das Neves, op. cit. p. 222-223.

⁹⁹ ASSIS BRASIL, p. 534.

tem em muito a ver com a “natureza alemã da colonização”¹⁰⁰ e, que, por isso, organizar os restos de um passado tão nebuloso é tarefa árdua.

Nesse caso, as respostas ao título desse sub-item (*Quem foram os culpados, mesmo? ou No fim tudo são versos?*) encontram-se no romance sob a forma de uma narrativa que descentraliza o foco para apreciar uma noção de conjunto a partir do momento em que se sustenta como apenas mais uma visão sobre os fatos. Culpabilidade ou inocência é uma questão de enfoque, uma vez que há a consciência manifesta no romance de que o “passado a limpo” só dá conta de uma pequena parte selecionada por aquele que, em última análise, é o dono do caderno.

¹⁰⁰ Segundo Luís Augusto Fischer, o episódio do Ferrabrás, além de possuir uma dimensão de conflito que não residia na religiosidade, pouco tem a ver com a imigração alemã, pelo fato de, como se viu, considerar que os dois pontos críticos da história da colonização alemã: família e trabalho, não tenham sido desenvolvidos no romance.

3- OS MUCKER: O APAGAMENTO DA ALTERIDADE

Eu não sou eu nem sou o outro
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o outro.

(MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO)

A partir do momento em que o objeto de estudo deste trabalho faz parte da literatura produzida no Rio Grande do Sul, reitera-se a pergunta: o que significa ser o *outro* no espaço de uma cultura autofágica que insiste, vez por outra, em reeditar o mito do *monarca das coxilhas*? Explica-se: é sabido que a literatura feita no Rio Grande iniciou-se por um processo de construção identitária para o homem sul-rio-grandense que descartou, em princípio, a caracterização do imigrante. Somente depois que o *monarca das coxilhas* “apeou” de seu cavalo, é que o *outro* passou a ser percebido como parte integrante na formação do estado.

Entretanto, sabe-se que o Rio Grande do Sul é um estado que se consolidou mediante essa imagem do gaúcho forte e valente, uma imagem que, repito, vez por outra é reeditada pela ficção. Se forem observados como um dado estatístico, os textos ficcionais que se servem do mito do *monarca* para pensar e repensar a “gauchidade” são em maior quantidade do que as narrativas que se propõem a caracterizar o espaço ocupado pelo *outro*. Muito embora atualmente haja também considerável número de textos que privilegiem a temática do imigrante, que é o caso em questão.

Essa premissa serve, antes de tudo, para situar o objeto: ainda se fala sobre *Videiras de Cristal*, mas, neste ponto, sob um aspecto que penso ser de extrema importância para a compreensão do episódio do Ferrabrás.

Em primeiro lugar, acredito que a questão de maior relevância, ainda que haja outras, i.e, a hipótese melhor trabalhada no romance é a questão da identidade. Desde já coloco que se trata da identidade alemã, mas não do ponto de vista que alguns trabalhos têm apontado, i.e, tendo como base que o romance de Assis Brasil, no que se refere à questão identitária, aponta de forma unívoca para a relação alemães *versus* brasileiros.

Não se trata de discordar da existência dessa relação no romance. Porém, o que parece mais interessante é pensar essa questão como um processo de construção que se afirma “dentro do próprio grupo alemão”. Tomemos, pois, como ponto de partida, um trecho do romance, logo que o padre Mathias Münsch desembarca na Província de São Pedro do Sul:

Quando, descendo do vapor que o trouxe de Porto Alegre, viu São Leopoldo e sua igreja supostamente gótica, quando enxergou a gente loira e ouviu a confusão de dialetos alemães falados no cais, e quando os seus oitos colegas o receberam com saudações do Bayern, do Rheinland-Pfalz e do Hunsrück, entendeu que a longa viagem pelo oceano fora apenas um intervalo de sonho, pois *acordava em plena Germânia* [grifo meu].¹⁰¹

A contar pelo número de dialetos, assim como pela “gente loira” que o padre encontrou, não era de admirar-se que estivesse mesmo na Alemanha; entretanto, o solo era brasileiro.

¹⁰¹ ASSIS BRASIL, p.63.

Em outra passagem, é Christian Fischer que salienta a presença alemã na composição da cena: “Fui, contrariamente aos meus hábitos, a um culto dominical. *Nada de extraordinário: estava na Alemanha* [grifo meu].”¹⁰²

Apesar de a narrativa apontar para algumas situações que colocam os brasileiros¹⁰³ no outro lado da divisa, ocupando o lugar do *outro*, ao que são caracterizados preconceituosamente como frouxos, desregrados e completamente repentinos, como aponta von Koseritz: “Mais uma vez comprovo que os brasileiros são imprevisíveis. Acho que vou morrer sem entendê-los”¹⁰⁴; ainda assim esses constituem-se no romance apenas como uma imagem bastante diáfana.

Dada as condições da colônia, era natural que somente aqueles que iam a São Leopoldo ou que chegavam a Porto Alegre mantivessem contato com algum representante da Província. Os poucos brasileiros citados são as autoridades, qual o Tenente-coronel José Maria de Alencastro, o Governador da Província ou mesmo o advogado Epifânio Fogaça. Em sua quase totalidade, o romance investe na caracterização da colônia de forma que o predominante é, obviamente, a majoritária presença alemã.

A língua é a responsável por tal caracterização, pois muito poucos eram os imigrantes que entendiam a língua portuguesa, “esse idioma tão difícil”.¹⁰⁵ Na sua maioria, falam o tempo todo em alemão, tanto que o padre Mathias Münsch a certa altura questiona-se: “[...] Estou mesmo no Brasil?, ele se perguntava, ao perceber que fazia um mês que não ouvia o idioma dos brasileiros”.¹⁰⁶

É nesse espaço que se instaura a questão da identidade alemã no romance. Quando chegaram ao Brasil, os primeiros imigrantes foram os

¹⁰² ASSIS BRASIL, p.49.

¹⁰³ Em várias passagens do romance, a palavra “brasileiros” é grafada distintamente em itálico.

¹⁰⁴ ASSIS BRASIL, p.242.

¹⁰⁵ *Idem*, p.237.

¹⁰⁶ *Idem*, p.66.

desbravadores de zonas de terrível acesso. Instituíram logo seu modo de vida, preservando os costumes como uma forma de manterem-se ligados à região de onde provinham, assim como escolheram eles mesmos seus representantes para a religião e educação, dada a falta de assistência do governo brasileiro.

Entretanto, vieram para o Brasil com o sonho do novo mundo, com a esperança de aqui encontrarem o que não havia na Alemanha: condições benéficas de vida que atendessem às suas necessidades, já que no continente europeu, “nas cidades, as crises econômicas causava empobrecimento, além da falta de oportunidades para melhores empregos; a inflação monetária arruinara grande parte das camadas abastadas do povo. Some-se a isso, a curiosidade pelo desconhecido, a tendência inata do europeu de querer conhecer terras estranhas”;¹⁰⁷ tudo isso era motivo para que o Brasil se tornasse, pois, a terra prometida.

Do lado de cá, os motivos eram também, de certa forma, nobres:

A idéia inicial era povoar as províncias do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, com o objetivo de proteger e defender a fronteira sul do império. Havia também a preocupação de criar uma classe média de pequenos agricultores que produzissem gêneros alimentícios para o mercado interno.¹⁰⁸

Entretanto, a partir de 1840, a mão-de-obra tornara-se escassa devido à expansão da lavoura de café e às leis que anunciavam a abolição da escravatura. Dessa forma, o imigrante era visto também como um trabalhador que poderia substituir os escravos nas plantações cafeeiras, principalmente na região de São Paulo.

Os alemães que vieram para povoar o extremo sul encontraram uma série de dificuldades. A falta de assistência religiosa e médica, bem como a falta

¹⁰⁷ *Imigração Alemã no Brasil*, Séries Resumos, nº3. São Paulo, p.5.

¹⁰⁸ *Idem*, p.6.

de educadores, como se viu, foram fatores que contribuíram para que o período de adaptação fosse marcado por um forte sentimento de abandono, como observa Lúcia Serrano Pereira:

O colono do Ferrabrás não encontrou, na chegada, um mínimo de referências nacionais que pudessem ajudar na sua instalação. A naturalização, quando é imposta a quem chega, pode valer como um traumatismo, mas por outro lado, quando é recusada pode valer como um “não me aceitam pela minha origem”, pedido um recalque ainda maior. O abandono econômico, religioso, a desqualificação, a miséria social, tudo confirma o longe que se está da promessa de ser o filho querido do Império.¹⁰⁹

No romance, a caracterização da vida na colônia quanto ao abandono pelo governo é disposta pela observação de Christian de forma que havia duas colônias: o lado *bom* e o lado *mau*. É nesse sentido que é possível entender o processo de identificação do imigrante como um projeto que, a partir do momento em que os *mucker* surgem como porta-vozes de um mundo desigual, tendia a recusar a presença daquele que apontasse os desvios sociais causados pela adaptação de imigrantes em uma nova terra.

A divisão maniqueísta – as duas colônias – além de servir como elemento de caracterização da forma de vida, do progresso alemão, sugere obviamente uma dualidade, uma ambivalência que é a característica do movimento messiânico: é preciso ter a quem odiar, é preciso definir o inimigo: aquele que não se enquadra na categoria do *eu*. Só assim é possível exterminar, erradicar aquilo que é definido, que se reconhece como o objeto de ódio, de sofrimento.

Nesse sentido, os *mucker*, além de vergonha, traziam para o resto da colônia uma espécie de negação de um projeto comum: eles eram um zumbido constante que colocava em risco as aparências de pacificidade social na colônia.

¹⁰⁹ PEREIRA, Lúcia Serrano. O zumbido dos rezadores – religiosidade e identidade colona. In: *Imigração e Fundações* (APPOA). Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000, p.180.

O discurso do doutor Hillebrand se apresenta no sentido de apagar definitivamente o elemento *mucker*, como se este fosse macular a imagem do colono ordeiro e trabalhador que tanto os primeiros imigrantes lutaram para construir. Além disso, os *mucker* já “foram” alemães, parte da colônia, mas agora não o são porque começam a tirar seus filhos da escola, a afastar-se das igrejas, a deixar de engrossar as filas de mão-de-obra das fábricas a fim de formarem uma sociedade à parte do resto da colônia. Nesse caso, os *mucker* passariam a ser o *outro* de um *eu* que faria de tudo para manter-se de pé:

Precisamos salvaguardar a nossa responsabilidade. Se os brasileiros quiserem, eles que massacrem os muckers e assumam o ônus perante a História. Basta o que temos sofrido. Nunca se viu tanta loucura na colônia. Sempre tivemos a fama de ordeiros, trabalhadores e cultos.¹¹⁰

Enquanto o movimento teve apenas um caráter assistencial no que se refere aos cuidados médicos desenvolvidos por João Jorge, as autoridades nada tinham a opor, mesmo porque conheciam a realidade das picadas. O problema instaura-se quando a leitura da Bíblia confere um caráter místico-religioso ao movimento, porque aí é da ordem do divino. Um *eu* esfacelado, rompido, partido, que diz ter poderes ou ser o enviado do Senhor pode ser sinônimo de que é parte do grupo étnico alemão não agiu corretamente. Portanto, é preciso calar os rezadores, aqueles que insistem em ter uma voz.

Em *Videiras de Cristal*, a questão da identidade é proposta, portanto, como marca-denúncia daquilo que a história oficial propagou: o discurso de que o colono era sossegado, assim como o discurso de que a terra prometida seria suficiente para todos. Entretanto, ao invés de voltar-se contra o Império como depois se fez em *Canudos*, o movimento *mucker* foi o único movimento

¹¹⁰ ASSIS BRASIL, p.446.

messiânico que não se rebelou contra o governo, mas às condições de vida no interior do próprio grupo¹¹¹.

Nesse caso, o processo de identificação-diferenciação pode ser percebido, conforme aponta Homi Bhabha,¹¹² efetivando-se dentro do próprio grupo étnico e sendo marcado, na maioria das vezes, pela violência. Aquilo que, utopicamente, manteria os alemães ligados, identificados como semelhantes, revelou-se um engodo. Para os colonos, esse processo teve início com a oposição aos brasileiros, o que no romance é uma imagem rarefeita, repito, um *outro* de quem ouviam falar, mas com quem poucos contatos tiveram.

Mais tarde, quando da *sociedade desigual*, de acordo com Janaina Amado, o *outro* passa a ser o irmão. Nas palavras da historiadora:

Apesar das aparências em contrário, os mucker não constituíam, antes do início da revolta, um grupo marginal dentro da sociedade de São Leopoldo. Faziam parte da camada majoritária da população que, como eles, estagnara economicamente, numa época em que estagnação e regressão se tornaram sinônimos. Membros de famílias antigas, benquistas e respeitadas, foram marginalizados da ascensão sócio-econômica que o capitalismo trouxe; mas, como os outros, integraram-se perfeitamente na economia local, mantiveram uma relação bem definida com a produção, fizeram parte do sistema, como seu pólo mais explorado. Os mucker acumularam um patrimônio tão pequeno como a maioria de seus vizinhos: ao morrer, deixaram em média um patrimônio correspondente a 1.690 réis, o que permite apontá-los como “colonos pobres” [...] Não eram, portanto, exceção em São Leopoldo: eram a regra.¹¹³

É nesse momento que o culto do Ferrabrás toma ares de messianismo, pois é preciso que haja justiça – nesse caso, que haja a volta ao período em que havia igualdade na colônia. Isso revela-se como uma utopia, pois colonos e

¹¹¹ A esse respeito, ver o trabalho precursor de Maria Isaura P. de Queiroz em *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus Editora, 1965.

¹¹² BHABHA, Homi K. Disseminação – O Tempo, a Narrativa e as Margens da Nação Moderna. In: *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p.198-238.

¹¹³ AMADO, Janaina. Op.cit.p.84.

mucker não eram mais iguais. A consangüinidade como fator de identificação entre as famílias, o que fragilmente sustentaria um vínculo, foi logo substituída pelos interesses econômicos, assim como as relações de compadrio, por exemplo. O semelhante não precisa mais, necessariamente, ser alguém da família biológica; precisa, em verdade, ocupar um lugar de poder econômico.

A unidade procurada pelo grupo de Jacobina é um sinal de protesto quanto à inexorabilidade do tempo/história. É no sentido de reencontrar o irmão, o semelhante, o igual, como pode ser percebido na passagem que segue:

– “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu. E enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a liberdade, aos cegos a restauração da vista, para publicar a Graça do Senhor”. Meus queridos filhos: por que estão assim preocupados se temos a nosso favor a vontade de Deus? Ele não me mandaria ao mundo para anunciar a sua Verdade e a sua Redenção se não me desse forças para cumprir esta ordem. Sosseguem os espíritos. Os ímpios, os malvados da cidade, os Doutores, os Pastores e os Padres, todos estes atentarão contra nós, mas saberemos responder, pois comigo está a verdadeira doutrina e a verdadeira fé. Nossos pais amassaram o barro destas picadas com o suor dos trabalhos que passaram. Deles aprendemos o que fazer com a nossa religião. Eles é que sabiam, porque eram os primeiros nestas terras. Se alguns entre nós cresceram em dinheiro e hoje não nos olham mais quando passamos, Deus saberá o que fazer deles.¹¹⁴

Nesse processo, portanto, é preciso lutar contra algo para justificar essa missão: contra o *outro* que não é digno, que é ímpio, segundo as palavras da *mutter*. Como parte dos que já foram, um dia, alemães, mas que agora são chamados de fanáticos e santarrões, a condição dos *mucker* mostra que o espaço da identidade é, na verdade, um espaço a ser ocupado provisoriamente como um

¹¹⁴ ASSIS BRASIL, p.153.

lugar transitório. É nesse espaço que a figura do Pastor Klein, por exemplo, transita, pois não conseguiu, desde que chegou à nova terra, assumir um papel de destaque na colônia, o que o coloca como uma identidade flutuante.

No caso de Fischer, que viera para o Brasil como médico aventureiro, ao perceber que tinha muito mais afinidade com a “gente de Campo Bom”, afinal, sentia-se estrangeiro na própria colônia, junta-se ao movimento, percebendo que o seu igual foi configurado como louco, excluído tanto quanto ele, que de nada serve na colônia:

– “Vá embora, Doutor, o senhor não tem nada que fazer na colônia. Volte para a cidade”. Como eu hesitasse, levou a mão às costas e puxou uma adaga desembainhada. – “Vá embora” – ordenou, apertando os olhos -, “vá embora e não volte nunca mais”. Obedeci, e não somente pela ameaça, mas por reconhecer que ali eu não passava de intruso em um mundo segregado e inacessível, que se explica a si mesmo e tem seus códigos. Para falar a verdade, saí de lá envergonhado e confuso.[...] Pensando bem, minha situação de estrangeiro, que me obriga a manter-me à margem de tudo isso, não é muito diversa da situação daquela gente de Campo Bom.¹¹⁵

Da mesma forma, o padre Münsch, quando ouve o *outra* – o alijado e Elisabeth Carolina –, percebe um igual; e acaba morrendo como (con)fundido pelas tropas de Genuíno com um *mucker*:

Os soldados avançam e passam por cima dos corpos inanimados, precipitando-se contra a origem dos tiros; os colonos, vencendo as tênues ordens dos sargentos, correm à frente, transpõem a linha dos atiradores e, sempre disparando, ultrapassam Genuíno, que tonto de raiva atrasa-se em relação a seus homens. O Padre, ainda preso ao parálítico, jaz com um quase sorriso nos lábios, enquanto o doente agarra-se ao seu pescoço, os dedos rígidos como se fizessem uma carícia nos cabelos empapados de sangue. Mais adiante está a mulher, estirada ao comprido, o braço direito projetando-se em direção ao

¹¹⁵ ASSIS BRASIL, p.90-91.

corpo do Padre. Genuíno fecha aqueles alucinados olhos azuis que antes fitavam o nada.

– Mathias Münsch – diz uma voz áspera atrás de si. Philipp Sehn toca o rosto do padre com a ponta da bota. – Esse aí se passou para o lado dos bandidos, logo ele, que rezava missa na minha casa. Mas teve o fim que merecia.¹¹⁶

As figuras de Münsch e Fischer são representantes da impossibilidade do reconhecimento do *outro* como semelhante, o que previa, no caso dos *mucker*, o apagamento do *eu*.

A língua, se por um lado podia ser vista como um fator que promovia o reconhecimento, por outro pode ser compreendida como uma ilusão de homogeneidade, afinal, aqueles a quem os brasileiros chamavam de alemães falavam vários dialetos do alemão, pois vinham de várias partes dos Estados Alemães, i.e, a idéia da Alemanha como nação que possuímos hoje somente é possível a partir de 1871, com a unificação dos Estados feita por Otto von Bismarck, embora a diversidade lingüística (dialeto) persista até hoje.

Sob essa perspectiva, pode-se afirmar que *Videiras de Cristal*, ao questionar a forma como o episódio dos *mucker* foi configurado pelo discurso oficial da época, aponta para as relações identitárias que alavancaram o movimento. No romance, fica claro que a identidade alemã que se constituía no espaço de uma terra nova não previa espaço para um outro que ousava recusar o modelo de exclusão a que estava sendo submetido. Dessa forma, o zumbido dos *mucker* devia ser silenciado, pois ameaçava “uma gente ordeira e pacífica” a qual dividia com eles apenas, e tão somente, uma mesma procedência. Isso, como se vê, não foi garantia de fraternidade, mas, ao contrário, de eliminação feita, “é claro”, pelos brasileiros, por aqueles que poderiam assumir o lugar transitório do *outro*. De certa forma, eram os brasileiros os únicos que poderiam assumir “o ônus perante a História”, como sugeriu o doutor Hillebrand.

¹¹⁶ASSIS BRASIL, p.476.

3.1 - A Figuração da profetisa: há espaço para frau Maurer?

FIGURA 6- O casal Maurer¹¹⁷



Dali a gente se retirava e passava a contar o visto. A curiosidade exercia atração. Eram centenas as pessoas que peregrinavam ao Ferrabrás, para verem aquela mulher maravilhosa. E, se em outros tempos João Jorge era considerado o “doutor” de renome, agora Jacobina se fizera a profetisa de mais fama que ele.

(Ambrósio Schupp)

A imagem de Jacobina Maurer, para alguns a líder espiritual do movimento *mucker*, foi instituída ao longo da história em que se inscreveu como a figura de uma mulher que deveria seria reprovada. Assim, em *Os Mucker: a tragédia histórica do Ferrabrás*, o padre Ambrósio Schupp a caracteriza como uma mulher dissimulada que, ao lado do marido também charlatão, enganava os colonos com suas promessas de paraíso celeste:

E, embora de inícios não tivesse a intenção de enganar, de momento contudo a tentação de aproveitar em seu favor a disposição amplamente difundida achava-se próxima de uma fraude [...] A suspeita indicada tinha, porém, de

¹¹⁷ Fonte: *Zero Hora*, Especial - Segundo Caderno, 5/8/2001.

ganhar um chão ainda mais sólido, desde que Jacobina começou a mesclar à sua obra de ilusões religiosas os mais diversos acréscimos, que indubitavelmente visavam por cálculo seduzir os corações de seus veneradores e arrastá-los para as malhas enfeitiçadas de uma torpe sensualidade¹¹⁸.

Em *Videiras de Cristal*, esse discurso reprovador foi caracterizado, por exemplo, na fala do Pastor Boeber. Como no relato do padre Schupp, para Boeber “O grave de tudo era que estavam conseguindo seus objetivos: até os homens mais probos eram arrastados pelo canto da *sereia degenerada* [grifo meu]¹¹⁹”.

Por outro lado, seus ataques de sonambulismo eram vistos como o sinal de que ela, assim como aquelas mulheres que de uma forma geral não correspondiam aos padrões de feminilidade impostos na época, deveria ser considerada como uma doente, uma mulher de pouca serventia, já que os acessos de certa forma a impossibilitavam de realizar as funções domésticas mais simples, como o cuidado dos filhos, da casa ou do marido. Aos olhos de Christian Fischer, amparado na avaliação do doutor Hillebrand, Jacobina não passa de uma mulher fraca que em criança já dava sinais de sua debilidade:

O doutor Hillebrand me assegura que Jacobina Maurer jamais poderá ser elevada à categoria de pessoa temível; conhece-a desde criança e tratou-a de uns desmaios que tinha lá pelos doze anos, quando lhe foi trazida pelo cunhado, o “Pastor” Johann Georg Klein. Naquela época, Jacobina era uma jovem impressionável e medíocre, não aprendia a escrever e não lia, nem letra impressa. Não foi possível nenhum tratamento, pois os sintomas eram confusos, e não se sabia bem onde terminava a doença e começava a mentira e vice-versa.¹²⁰

¹¹⁸ SCHUPP, Ambrósio. Op.cit, p.43.

¹¹⁹ ASSIS BRASIL, p.251.

¹²⁰ Idem, p.164.

Essa descrição de Jacobina como uma mulher débil, que durante a infância tinha ataques seguidos, a desqualifica como mulher alemã, pois uma “verdadeira mulher alemã” jamais pode perder tempo com bobagens, já que isso implica perder o olhar prático sobre a vida. Segundo Valesca de Assis, em *Uma frau construída com palavras*:

Há sempre um trabalho-de-mão a protegê-la do perigo: uma beirada de crochê num pano de pratos, por exemplo. De pé, espiando as panelas, laçada atrás de laçada, acrescenta pontos à conta de sua operosidade. Máxima concessão: ajoelhar a perna varicosa num banquinho. O mais, já é descanso, e quem muito descansa, enferruja”¹²¹.

Além disso, uma *frau* deve ser instruída para conservar os hábitos e costumes da terra natal, como uma forma de manter a tradição e a cultura na colônia. A esse respeito Lúcia Pereira em *O zumbido do rezadores – religiosidade e identidade colona*:

(...) nas situações de grupos oprimidos, se algo da tradição ou dos ancestrais chega, de alguma maneira, a ter alguma transmissão, mesmo clandestinamente, a sobreviver quando não se tem mais os rituais ou quando eles tenham que ser restabelecidos ou reinventados, isso é feito em geral pelas mulheres. No lugar suposto de certa fraqueza vai se manifestar algo do garante fático do grupo, de certa forma de um lugar um tanto inesperado, inusitado¹²².

Por outro lado, a maternidade, que era vista no século XIX como um exercício fundamental que garantiria a saúde mental da mulher é, segundo as

¹²¹ ASSIS, Valesca de. *Uma frau construída com palavras*. In: *Nós, os teuto-gaúchos*. Coords. FISCHER, Luís Augusto, GERTZ, René Z...[et.al] - Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996, p.65.

¹²² PEREIRA, Lúcia Serrano, op.cit, p.178.

palavras do Doutor Hillebrand, em certo momento vista pela personagem como uma coisa menor em relação ao que acontecia no Ferrabrás, o que pode ser visto como mais um “sintoma” de sua natureza avessa ao comportamento feminino desejado para a época:

Se, de acordo com a perspectiva médica, a realização da maternidade seria capaz de prevenir e até mesmo de curar os distúrbios psíquicos relacionados direta ou indiretamente à sexualidade e à própria fisiologia femininas, contraditoriamente a gravidez, o parto e o pós-parto seriam vistos como momentos extremamente propícios ao aparecimento ou à manifestação de tais distúrbios. [...] Apesar das contradições e dos impasses dos alienistas diante das ambigüidades do ser feminino, eles jamais abandonariam completamente a crença de que a maternidade constituía um dos remédios mais eficazes – senão o mais eficaz – para evitar ou curar as moléstias femininas.¹²³

Em vista da contradição que a gravidez poderia causar, é possível pensar que a personagem percebe, quando de sua última gravidez, que seu estado é uma benção, pois sua condição de “mãe” de certa forma a santificaria:

– Leidard está por nascer. Se hoje ela me deforma o corpo, amanhã nos dará muitas alegrias. Darei a ela o melhor. – Levou as mãos aos seios intumescidos. – E dizem que sou amante do Rodolfo Sehn. Uma mulher grávida é uma mulher santa.¹²⁴

As poucas falas de Jacobina que não têm um caráter epifânico, premonitório, seus poucos momento em família, em sua vida privada junto à mãe revelam uma mulher que procura entender a situação na qual se encontra:

¹²³ ENGEL, Magali. *Psiquiatria e feminilidade*. In: *História das Mulheres no Brasil*. 2ª.ed. São Paulo: Contexto, p, 336.

¹²⁴ ASSIS BRASIL, p.330.

– Qual é a minha casa, mãe? – disse Jacobina, procurando uma posição mais confortável na cadeira ao lado da cama.
 – Esta casa é a casa de todos. Aqui todos entram e saem a qualquer hora. Minha família está crescendo com estes miseráveis, doentes e fracos de espírito. O fato de eu ter mais um filho de minha carne não é tão importante.¹²⁵

O questionamento de Jacobina desvenda uma mulher insatisfeita com sua vida conjugal. Para ela, o amor por Rodolfo é justificável na medida em que a fraqueza de seu marido João Jorge parece sufocá-la, dispensando-a, assim, de uma vida de aparências:

– Toda mulher é forte. E às vezes passa toda a vida sem saber disso, acomodada nos confortos de um marido. A verdade só aparece quando se dá conta da fraqueza do homem com quem vive. Aí passa a viver por si mesma.¹²⁶

Em certa medida, quando Jacobina está à frente do movimento, sua figura torna-se extremamente ambígua, congregando aquilo que parece ser a promoção da infidelidade e da traição na colônia ou a revolta contra a hipocrisia social, já que suas idéias quanto a cada um achar o seu par em consonância com seus sentimentos entravam em choque com o pensamento religioso da colônia, ainda que os luteranos fossem vistos como “mais liberais”:

Será um tempo em que os rios se transformarão em torrentes de leite e das árvores nascerá o pão para o nosso sustento. Aí nos contemplaremos e nos beijaremos e cada mulher e cada homem procurará o seu par, livres do peso das leis humanas. Por enquanto devemos aguardar, confiantes e sábios, mas não amortecidos para a vida. Saibamos reconhecer quem nos ama e em quem confiar nosso destino.¹²⁷

¹²⁵ ASSIS BRASIL, p.71.

¹²⁶ Idem, p.208.

¹²⁷ Idem, p.312.

Por outro lado, o não reconhecimento de sua figura como a líder do movimento sugere um mecanismo de exclusão que foi engendrado pelo discurso oficial a fim de colocá-la à margem, a fim de silenciar a voz de uma mulher que ousava falar em nome de Deus e, por isso, começava a ser vista na colônia como a encarnação feminina de Cristo:

- Quem é essa Jacobina?
- Mulher do João Jorge Maurer. Segundo parece, é a chefe verdadeira da seita.
- Mas o senhor até agora só falava num homem, o Maurer. E o jornal não falava em nenhuma mulher. *Como é que uma mulher pode ser chefe de alguma coisa?* [grifo meu].
- Todas as vozes são unânimes em dizer que Jacobina Mentz cresceu em importância nos últimos tempos e é ela quem comanda as reuniões no Ferrabrás.
- Mais isto é um escândalo, o Chefe de Polícia deslocar-se da Capital por causa de uma mulher! A propósito, é verdade o que diz o jornal, que o senhor é parente do Maurer, o novo Cristo?
- Vamos esclarecer, o novo Cristo, como chamam, não é o Maurer, e sim Jacobina...¹²⁸

Assim, quando a personagem Pedro Serrano garante que o Pastor Klein é o verdadeiro inspirador do que acontece no Ferrabrás ou quando o narrador marca que o “O Agente Intérprete da Colonização ergueu os ombros, suspirou, disse que de fato não via em Jacobina tanto perigo. Talvez o marido fosse pior”¹²⁹, o leitor se depara com um olhar preconceituoso sobre Jacobina. Neste caso, considerar Klein como o líder sugere a negação da capacidade e da influência da voz da *mutter*; da mesma forma que considerar o marido como “pior”, mais perigoso, ardiloso ou mesmo mais inteligente acena para uma qualificação da mulher como o seu oposto, ou seja, como o ser que é, por natureza, simplesmente bondoso, meigo e dócil. Qualificações que, na verdade, só aumentam a discrepâncias entre os gêneros e que não têm ligação com uma

¹²⁸ ASSIS BRASIL, p. 189-190.

¹²⁹ Idem, p. 241.

estrutura baseada no sexo biológico, mas que no romance funcionam como um elemento de verossimilhança que caracterizava o discurso na época.

A mudança na percepção de Jacobina sobre si mesma é possível porque em *Videiras de Cristal* sua imagem é proposta por uma caracterização ambivalente, construída a partir do olhar das personagens. Assim, a imagem de Jacobina constitui-se de forma ambígua e ao mesmo tempo com características de indissociabilidade entre as dimensões de líder, o que parece conferir-lhe tanto mais legitimidade. Conforme aponta Maria Isaura Pereira de Queirós, a figura do messias possui essa característica. Segundo Queirós:

O messias brasileiro também constitui ao mesmo tempo o chefe religioso e profano de suas comunidades; as duas faces estão integradas e são indivisíveis. Alguns, como Antônio Conselheiro, os Monges do Contestado, Jacobina, Senhorinho, tinham a religião como objetivo mais importante, e os comportamentos profanos deviam ser regulamentados para que se pudesse alcançá-lo. [...] não há como desprender sagrado e profano. Comportamentos de um e de outro tipo estão indissolúvelmente ligados, de tal maneira que, aceitando os primeiros, são os adeptos inevitavelmente obrigados aos últimos.¹³⁰

Em Jacobina convivem, simultaneamente, as imagens da virgem imaculada e a da mãe que é capaz de gerar a “filha da fé”. A caracterização ambígua de Jacobina é, sem dúvida, de grande repercussão entre os fiéis, especialmente para a consciência ingênua da personagem Jacó-Mula:

Jacó-Mula segurou a mão pequena e nervosa e esqueceu das horas, do movimento da lua que cruzava sobre suas cabeças e deitava uma cor de prata na paisagem. Toda sua atenção estava em Jacobina, a virgem-mãe de todos eles, agora a rainha da noite e dos astros¹³¹.

¹³⁰ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. op. cit, p.286.

¹³¹ ASSIS BRASIL, p.153.

Poucas páginas adiante:

A mulher veio até à frente da assistência e ali parou, os olhos voltados para cima, recebendo uma luz que só ela enxergava. Ao mesmo tempo a sala inundava-se de um perfume doce de ervas, semelhante ao odor despreendido pela macela queimada na Sexta-Feira Santa. Jacó-Mula não sabia o que pensar; *era sim Jacobina e também não era* [grifo meu]; os traços pequenos e os cabelos curtos eram os mesmos, mas o tom diáfano da pele fazia pensar mais em uma dessas imagens dos altares católicos¹³².

Jacó que ao mesmo tempo em revela ingenuidade, aponta em seu discurso uma espontaneidade de bufão, assumindo papel central: ele é a Mula-Raposa (Fuchs). Isso pode ser percebido como um reflexo do fanatismo dos seguidores dessa mulher que é um ser, nas palavras do padre Schupp, quase “sobrenatural”. A visão idealizada, fora dos padrões de uma realidade mais condizente que Jacó possui acerca da *mutter*, demonstra o quanto a líder é carismática: “– Digo sim! Jacobina é pura, é puro espírito. Ela não tem corpo, debaixo das roupas é só a alma!”¹³³ Mais uma vez, é pelo olhar de Jacó-Mula que Jacobina é descrita: “Ela tem um modo de olhar a gente, Doutor, que a gente não pode dizer que não. É como se ela mandasse. Dizem que a coitadinha sofre muito de ataque, e que agora é uma sonâmbula. O que é sonâmbula, Doutor?”¹³⁴

Dessa forma, a imagem de Jacobina, aliada à palavra, que é sua fonte de poder, pois o Senhor fala por ela, congrega e domina todos que estão a sua volta.

Nos momentos em que a líder parece estar em transe, o que pode ser tomado como uma característica do culto messiânico, seu discurso torna-se monológico, sem espaço a questionamentos ou contestações, desligamentos ou

¹³² ASSIS BRASIL, p. 156.

¹³³ Idem, p. 270.

¹³⁴ Idem, p. 40.

rupturas, afinal ela foi a escolhida por Deus para falar em seu nome e anunciar a sua verdade:

–...“e bem-aventurados sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, perseguiram os profetas que vieram antes de vós”-terminou Frau Maurer, erguendo os olhos.¹³⁵

Com isso, Jacobina pode ser vista como transgressora pela sua participação à frente do movimento mucker e, em parte, porque sua conduta feminina apontava para uma mulher que não correspondia às características das outras *frauen*. Segundo a visão de Jacó:

De qualquer modo, um assombro, mulher que sabia ler e que lia a Bíblia, antes só escutada de vozes masculinas. Jacó-Mula perguntou-se se não haveria ali alguma profanação; mas vendo o respeito com que todos se mantinham, e mulheres e homens sérios da colônia, entendeu que assim deveria ser.¹³⁶

Neste caso, sair do espaço privado para o espaço público é uma transgressão da ordem e da moral na colônia, mesmo que ainda apoiada em bases que estão dentro dos padrões patriarcais – a “cristo de saias”, como foi chamada.

Contudo, em uma outra instância isso não garante à personagem um rompimento com a estrutura repetitiva e monológica de seu discurso: “– Aqui eu sou a verdade. E mais uma coisa: no Ferrabrás não há volta. Um fiel é um fiel para sempre.”¹³⁷ Sua posição à margem sinaliza para uma rápida tomada de consciência a respeito de sua situação como mulher; rápida, talvez porque seus objetivos (ou objetivos do autor) fossem outros, talvez mesmo porque não tivesse

¹³⁵ ASSIS BRASIL, p. 82.

¹³⁶ Idem, p. 82.

¹³⁷ Idem, p.331.

meios para construí-la naquele momento: – “Às vezes me dou conta de que sou uma mulher. Não sei de onde me vem este poder”.¹³⁸

Diferentemente da imagem estereotipada construída pelo discurso oficial, a personagem Jacobina que é figurada em *Videiras de Cristal* é uma personagem que é construída a partir da ambigüidade: nela habitam uma mulher colona igual a outras tantas e a líder espiritual de um grupo excluído socialmente. O que a diferencia das outras *frauen* talvez tenha sido o desejo de tomar as rédeas de sua vida em suas mãos ou, quem sabe, a estranha “mania” de falar com/por Deus:

Porque o Senhor falava a Jacobina e Jacobina falava a Ele; uma comunhão perfeita entre o Espírito e a Carne, entre a Divindade e o Homem. Ela, Jacobina, não era nada, ninguém, uma pobre-coitada como todos os que se ajoelhavam e sofriam naquela sala. Mas por um especial dom, só compreensível pela extrema generosidade de Deus, ela ouvia de Deus tudo o que Ele queria dizer aos homens; confiassem nela, ainda que sua presença e sua voz de mulher *parecessem tão fracas* [grifo meu]¹³⁹.

¹³⁸ Idem, p. 131.

¹³⁹ ASSIS BRASIL, p. 99.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de *Videiras de Cristal* proposta neste trabalho não se esgota certamente mediante algumas “considerações finais”, o que parece mais sugerir, mesmo que paradoxalmente, um ponto de chegada que logo deve dar início a outras tantas leituras. Não poderia ser diferente, posto que a orientação desta pesquisa estabeleceu-se em nome de um campo tão instável quanto o são literatura e história como interfaces.

Sabendo-se de antemão desta característica, a proposição inicial deste estudo preocupou-se mais em fazer perguntas do que encontrar respostas para o entrecruzamento dos discursos ficcional e histórico presente no romance de Luiz Antonio de Assis Brasil. No percurso da leitura, o terreno mostrou-se escorregadio, fazendo com que, muitas vezes, as palavras de ordem fossem “história romanceada”, “romance histórico”, “o romance como um quê da história que poderia ter sido”, apesar de a “história ser um romance que foi”, além de esse terreno ser composto como uma colagem, em que o discurso histórico, representado pela inserção do diário, das cartas (estas ficcionalizadas), do mapa, das litografias e da própria voz do autor, ao final do texto, evocam um entredito, “um possível de ser dito”.

Em face disso, a dificuldade que se impõe frente à crítica de uma obra que possui características combinadas do que é e do que poderia ser, acaba por gerar também na voz que procura compreender os mecanismos de tal ambigüidade, um vocabulário semelhante. Essas marcas estão nesta leitura crítica quando saltam à página expressões como “um caso de mover fronteiras ou de fronteiras movediças?”, “o passado, passado a limpo?”, tamanha é a

provisoriamente e, portanto, a necessidade de dizer o texto a partir de um entrelugar, na verdade, salientado o quanto o debate nessa área tem sido proposto pela relativização do olhar.

É desta forma que *Videiras de Cristal* se apresenta: como um romance que possui na realidade empírica o tema para sua elaboração, i.e, que está calcado em um tempo datado, fazendo, ainda, um recorte específico em relação ao narrado, o episódio dos *mucker*. Por outro lado, o romance também se apresenta como uma obra que possui o direito à suspensão dessa mesma realidade, desatando laços e unindo outros, pois se resguarda dentro de um contrato de ficcionalidade, como foi visto no capítulo 1. O caráter que ora liberta, ora aproxima a ficção de Assis Brasil da história dos *mucker* é, na verdade, uma linha tênue que (con)funde a ilusão de uma verdade com sua figuração artística.

Nesse sentido, pode-se dizer que o episódio do Ferrabrás assume, pela literatura, um lugar de fala, leia-se, um lugar na história. Se *Canudos*, anos mais tarde do extermínio dos *mucker*, teve o seu cronista, Assis Brasil cumpre, mais de um século depois, a tarefa de (re)atar um passado nada glorioso que maculou parte da história da imigração alemã no sul do Brasil.

Devido a sua organização plurivocal, o romance não privilegia “colonos ordeiros” ou “fanáticos liderados por uma louca”, porque há a consciência por parte da voz autoral de que a realidade se apresenta a partir de um ponto de vista dentre vários outros. O que a narrativa oferece é um espaço de questionamento acerca do contexto que permitiu que houvesse colonos ordeiros e fanáticos liderados por uma louca.

Com isso, a denúncia, sob o olhar irônico de Christian Fischer ou do narrador de que algo houve de errado durante o período da colonização alemã ao ponto de tornar inimigos homens e mulheres que viviam anteriormente como irmãos, revela a questão da identidade como um lugar a ser ocupado.

Na medida em que uma nova estrutura econômico-social excluía aquele que um dia foi supostamente igual, a única esperança de paz foi, contraditoriamente, a guerra. Uma guerra das tropas do Império contra colonos que buscavam, em uma última ação salvacionista religiosa, manter sua identidade, para muitos, apenas um zumbido que incomodava.

O romance aponta, pois, para a forma como uma realidade pode ser construída: na maioria das vezes sustentada por uma ideologia que oprime e renega todo aquele que não é *eu*, mas *outro*. No caso dos *mucker*, *Videiras de Cristal* traz consigo a réplica ao discurso histórico oficial que negligenciou o fato, já que se tratava de algo que não era do agrado tanto de alemães conservadores quanto do governo brasileiro. A marca dessa contrapartida à oficialidade histórica, manifesta-se na narrativa pela ação de uma verdadeira tessitura, i.e, cada segmento conta um pouco do que percebeu, do que viu ou pensou ter visto sobre o acontecimento.

De fato, as cenas em que Jacobina é caracterizada demonstram esse pressuposto, pois a *mutter* é, incondicionalmente, uma figura ambígua, tal qual o líder messiânico deve ser, para que possa ser amado e odiado ao mesmo tempo. E, mais especificamente quanto a essa personagem, parece que a medida foi mesmo mantê-la sob a chancela ambígua que o messias carrega. Como se viu, suas poucas falas como Jacobina Maurer, nascida Mentz, revelam uma mulher questionadora sobre a própria família. Raros, repita-se, são estes momentos, o que, de fato, poderia ter sido melhor explorado na narrativa.

O modo arranjado pelo autor para fazê-lo parece ser via figuração de Elisabeth Carolina, cunhada de Jacobina, e Ana Maria Hofstätter, sua empregada. Estes dois exemplos de mulher têm em comum a impossibilidade de viver o amor. Elisabeth sofre com a culpa pelo adultério, sendo assassinada pelas tropas militares junto ao Padre Mathias e ao aleijado. Já Ana Maria, que vive em função da *mutter*, é enamorada do Jovem Haubert, a quem Jacobina teria mandado

matar. Tanto Elisabeth quanto Ana Maria são exemplos da mulher que não era dona de si, pois sempre haveria um motivo maior a solapar seus projetos: um casamento frustrado ou uma vingança, no caso de Ana Maria. Em verdade, são duas personagens que têm seus destinos traçados independentemente de suas vontades, o que, com Jacobina, não acontece dessa forma.

O romance deixa claro que a *mutter* procurou tomar “as rédeas” de sua vida, forjar um outro mundo em que pudesse ser dona de si mesma. Como os demais que a seguiram, pagou caro, e fez que muitos também pagassem, ao tentar ocupar um lugar de destaque frente a uma sociedade extremamente preconceituosa, a qual sequer a admitia como a líder do movimento: “Uma mulher, líder do quê?”

Realizando-se, portanto, como uma narrativa instaurada num entrelugar, *Videiras de Cristal* põe à mostra os embates de uma história trágica ao sopé de um morro no sul do Brasil. Mas, mais que isso, (des)vela estereótipos forjados por um discurso histórico tradicional, para logo deslocá-los pelos caminhos de um outro discurso, este, forjado pela intenção ficcional.

Entre estereótipos e deslocamentos da “verdade oficial”, a ficção histórica de Luiz Antonio de Assis Brasil firma-se dentro de uma vertente dos estudos da literatura e da história que pensa o entrecruzamento entre o histórico e o ficcional como *uma* possibilidade de (re)construir uma realidade, pois há a consciência de que essa construção só dá conta de *um* olhar por vez, fragmentado, como lembra-nos o narrador do romance ao salientar a perspectiva de Hans Willibald sobre os acontecimentos no Ferrabrás: “As notícias lhe chegavam aos pedaços, nunca pudera compor um grado perfeito do movimento e, de certo modo, nem o queria. Era por demais vergonhoso e lúgubre”¹⁴¹.

Se o que resta dessa história trágica é *apenas* literatura, por certo a ficção histórica *Videiras de Cristal* soube encarregar-se do passado nebuloso dos

¹⁴¹ ASSIS BRASIL, p.534.

mucker, a fim de conferir sobre eles um pouco mais de incerteza, sim, já que a verdade, nesse caso, é mais uma questão de ponto de vista do que de reconhecimento. Neste caso, fechando esta leitura de forma circular, Lispector é quem oferece a chave: “(A verdade é sempre um contacto interior inexplicável. A verdade é irreconhecível. Portanto não existe? Não, para os homens não existe.)”¹⁴²..

¹⁴² LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1992, p. 98.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMADO, Janáina. *Conflito social no Brasil. A revolta dos "Mucker"*. São Paulo: Símbolo, 1978.

AQUINO, Ivânia Campigotto. *Literatura e História: aproximações discursivas*. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, nov/1999.

ARAUJO, Luiz Antônio & CARLE, Ricardo. À sombra da ditadura científica. Zero Hora, Porto Alegre, 13 mar. 1999. *Segundo Caderno*, p.4.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Videiras de Cristal*. 4.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

_____. *Um Quarto de Léguas em Quadro*. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1976.

_____. *A Prole do Corvo*. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1978.

_____. *Cães da Província*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. *Um Castelo no Pampa: Perversas Famílias*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

_____. *Um Castelo no Pampa: Pedra da Memória*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

_____. *Um Castelo no Pampa: Os Senhores do Século*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

_____. *O pintor de Retratos*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

ASSIS, Valesca de. Uma frau construída com palavras. In: *Nós, os teuto-gaúchos*. Coords. FISCHER, Luis Augusto, GERTZ, René Z...[et.al] - Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.

AUTORES GAÚCHOS: Luiz Antônio de Assis Brasil. 2.ed. Porto Alegre: IEL:ULBRA:AGE, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética – a teoria do romance*. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1998.

BARTHES, Roland. O personagem histórico. In: *S/Z*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p.129.

BENIGNI, Roberto & BRASCHI, Nicoleta. *A vida é bela*. Diretor: Roberto Benigni, 1997, (116 min.).

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- BITTENCOURT, Gilda das Neves. *O conto sul-rio-grandense: tradição e modernidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999, p.222-223.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e Etnia – Construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BURKE, Peter (org.). *A Escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.
- _____. Desafios de uma história polifônica. In: *Caderno Mais! – Folha de São Paulo*, 18/10/2000.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. De Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1975.
- COSTA LIMA, Luiz. A ascensão do discurso histórico e suas relações com a história. In: *O controle do imaginário (Razão e imaginação nos tempos modernos)*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.113-130.
- _____. A narrativa na escrita da história e da ficção. In: *A Aguarrás do Tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p.15-122.
- _____. A questão da narrativa. In: *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 139-148.
- DALCASTAGNE, Regina. *A guerra dos miseráveis colonos alemães*. Correio Braziliense, Brasília, 22 mar 1992, Caderno Dois. p.10.
- ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: *História das Mulheres no Brasil*. 2^a.ed. São Paulo: Contexto, p, 336.
- ENZENBERGER, Hans Magnus. La literatura en cuanto história. In: *Eco, Revista de la cultura do ocidente*. Bogotá: Julho, 1978.
- FIGUEIREDO, Vera Follain de, *Da alegria e da angústia de diluir fronteiras: o romance histórico, hoje, na América Latina*, editado no site <http://members.tripod.com/~lfilipe/Vera.html>.
- FISCHER, Luís Augusto. Videiras de Cristal e a Imigração Alemã. In: *Diversidade étnica e identidade gaúcha*. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1994. (Documentos; nº05), p.59-87.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 6.ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, set/2000.
- FREITAS, Décio. *A guerra dos “mucker”*. Zero Hora. Porto Alegre, 10 fev 1991, Segundo Caderno. p.4.

GENRO, Tarso. *O puro cristal de Assis Brasil*. Porto & Virgula. n.2. mai/jun 1991. Porto Alegre.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p.51.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós – Modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

KEHL, Maria Rita. A constituição da feminilidade no séc. XIX. In: *Deslocamentos do feminino – A mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1998. p.25-121.

LÄMMERT, Eberhard., apud AQUINO, Ivânia Campigotto. *Literatura e História, aproximações discursivas*. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, nov/1999, p.31.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1992, p. 98.

LUKÁCS, Georg. *La novela historica*. México: Ediciones Era, S.A, 1966.

MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la américa latina, 1979-1992*. México: Fondo de cultura económica, 1993.

MIGNOLO, Walter. Lógica das diferenças e políticas das semelhanças da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa. In: CHIAPPINI, Lígia & AGUIAR, Flávio Wolf de. *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: Edusp, 1993. p. 115-161.

ORO, Ari Pedro. Messianismo, Milenarismo e Religiosidade Popular. In: *Revista de Ciências Sociais – vol.1*. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, 1986.

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres do Sul*. In: *História das Mulheres no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

PEREIRA, Lúcia Serrano. O zumbido dos rezadores – religiosidade e identidade colona. In: *Imigração e Fundações (APPOA)*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 8.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

PORTO, Aurelio. *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus Editora, 1965.

SANSEVERINO, Antonio Marcos V. Videiras de Cristal: Jacobina Maurer, in *Os alemães no Sul do Brasil*. Canoas: Editora da ULBRA, 1994. p.129-136.

Imigração Alemã no Brasil, Séries Resumos, nº3. São Paulo

SCHREINER, Renate. *Entre a ficção e a realidade: a imagem do imigrante na literatura do Rio Grande do Sul*. Lajeado, Santa Cruz do Sul: FATES, UNISC, 1996.

SCHUPP, Ambrósio. *Os "Mucker": a tragédia histórica do Ferrabrás*. 5.ed. Brasileira. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993.

STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. In: *Revista de História 2/3*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1991.

TORERO, Roberto & PIMENTA, Marcus Aurelius. *Terra Papagalli*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª ed. Brasília: Unb, 1998.

WEINHARDT, Marilene. *Figurações do passado: o romance histórico contemporâneo no Sul*. Tese de doutorado apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994.

WHITE, Hayden. A questão da narrativa na teoria contemporânea da história. In: *Revista de História 2/3*. Campinas: IFHC/UNICAMP, 1991.

_____. O texto histórico como artefato literário. In: *Trópicos do discurso*. São Paulo: EDUSP, 1994.

Zero Hora, Especial - Segundo Caderno, 5/8/2001.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.